

P702

RENOVAÇÃO

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro.— Jaboatão, centro de escotismo agrícola, Edson Moury. — O Sindicato e suas finalidades, Silvino Lira. — A vida fantástica do judeu Litvinov, Jorge Ramos. — Sentido sempre novo da poesia de Jorge de Lima, golpe de vista sobre o Recife literário, Cleodon Fonseca. — Os gabinetes portugueses de leitura, Mendes Leal. — Filosofia do mundo inorgânico, Crésio Teixeira. — O sentido nacionalista da obra alencariana (conclusão), Mário Pessôa. — Poemas de Willy Lewin e de Antônio Rangel Bandeira. — Livros, Augusto Duque. — Mas os loucos gritam nos pátios (novela), Gonçalves Fernandes. — O Escotismo em face da emigração ruralista, Oswaldo Guimarães. — "Civilização do Nordeste", Vicente do Rego Monteiro. — "O Brasileiro", Pedro Calладо. — De um diário de poesia, Willy Lewin. — Lettre de France, Angebardier. — Corporativismo, Jorge Abrantes, etc.

Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE



Pintura de Piero della Francesca (Vide Nossa Capa pag 4) Da Coleção P. L. de New York



Os nossos colegas de ROTEIRO, quinzenário de cultura que se edita em São Paulo, inseriram no seu número de 5 de Maio de 1939 a reprodução d'este quadro com o seguinte comentário: "A pintura social seduziu mais de um pintor brasileiro. Os "calceteiros", de Vicente do Rego Monteiro, que reproduzimos acima são bem uma ilustração desta tendência pictórica". Acrescentamos que esta pintura data de 1924, e que o crítico de arte francês Geo Charles escreveu em 1929, na Revista "SAGESSE", de Paris, o seguinte: "Como todo indivíduo ricamente dotado, as concepções de Monteiro estendem-se a todos os domínios da vida; é assim que ele foi um dos primeiros e dos raros pintores modernos que cantou dignamente o tema operário "proletário", sem nenhum falatório preventivo".



LOJAS PAULISTA

A maior organização brasileira no comércio de tecidos

Unicos e exclusivos estabelecimentos revendedores dos afamados tecidos marca "OLHO"

de cores absolutamente fixas.

Tecidos finos e de padrões variados: Sêdas, voiles, opalines, cambraiás, etc.

Tudo pelo preço mais barato da cidade

Brins nacionais e estrangeiros, Môrins, Cretones, Bramantes, e outros tecidos cujos preços não temem competidor.

UMA VISITA A'S LOJAS PAULISTA E' O SUFICIENTE PARA SE CONHECER A VANTAGEM DA QUALIDADE E DE PREÇO DOS TECIDOS MARCA "OLHO"

RUA LARGA DO ROSARIO
(PRAÇA DA INDEPENDENCIA)
E RUA JOÃO PESSÔA, 260

**Alberto
Lundgren
& Cia. Ltda.**

FILIAIS EM TODO
O BRASIL

EXPEDIENTE

RENOVAÇÃO - Órgão de Ação Educacional Proletária.

**DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES
E VICENTE DO REGO MONTEIRO**

REDAÇÃO: Rua do Bom-Jesús, 207 - 2º

Sucursal: Rua do Imperador 235 - 1º

Recife Pernambuco

NUMERO AVULSO 1\$000

NUMERO ATRAZADO 2\$000

ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:

NA CAPITAL 30\$000

NO INTERIOR DO PAÍS 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente.

**Os originais literários enviados à RENOVAÇÃO
não serão devolvidos, ainda que não publicados.**

SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

Dr. ADEMAR VIDAL - R. das Trincheiras, 554,
João Pessoa - Paraíba.

DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.

PADARIA LEÃO DO NORTE

FUNDADA EM 1845 — A MAIS ANTIGA DA CIDADE

Casa especialista em Pães Francêses, Biscoitos, etc
Fabricante das afamadas bolachinhas DELICIAS
e NENEN

MOVIDA A ELETRICIDADE

J. Moreira da Silva

PATEO DO TERÇO N.º 28 — Fone 6690 — RECIFE

NOSSA CAPA

Piero della Francesca nasceu no ano de 1415, na cidade de Borgo San Sepolcro e cedo se dedicou à pintura. Em 1439 o seu nome figura nos arquivos do Arcebispo de S. Maria Novella, quando executou uns afrescos na capela de San Egidio, como assistente de Domenico Veneziano, seu mestre, com o qual aprendeu os segredos da pintura a óleo.

De 1442 a 1445 o encontramos pintando por sua conta em Borgo San Sepolcro e mais tarde, em 1451, executando os famosos afrescos de Sigismundo Pandolfo Malatesta ajoelhado diante de seu padroeiro. Em 1466 o seu nome figurava no registro da "Fraternita della Annunciazione d'Arezzo" como: "Il maestro di dipingere il quale a dipinto la capella maggiore di San Francesco d'Arezzo".

É na capela de São Francisco de Arezzo que se encontra a parte mais importante da obra de Piero della Francesca, com a série de afrescos sobre a revelação da verdadeira Cruz.

Outros trabalhos de grande valor pictórico se acham na Galeria de Perugia, em Borgo San Sepolcro, na "Città" di Castello e na sacristia "del Duomo" em Urbino.

Este grande mestre do passado, um tanto desprezado durante o período da post-renascença, foi objeto na idade moderna de uma notoriedade merecedora do seu valor e do seu poderoso desenho. A sua plástica pictórica muita influência exerceu nestes últimos anos, na formação das novas sensibilidades artísticas.

Desde a sua infância, Piero della Francesca demonstrou grande interesse pelas matemáticas, e, tornando-se homem, optando pela pintura, estudou científicamente os seus problemas, maximizou os da perspectiva, escrevendo em 1489 um tratado sobre essa matéria, que o tornou famoso. Sua obra, aliás, se ressente da fria rigidez das ordenadas e dos pontos de fuga sistemáticos que contrasta, sobremodo, com a sua grande segurança de modelado, liberdade de composição e realização das figuras, aprendidas através dois séculos de pintura latina, onde a plástica humana sobreponha-se a todos os objetivos pictóricos.

E. & V.

LIVRARIA UNIVERSAL Rodolpho & Pereira

Todos os livros didáticos editados pela LIVRARIA UNIVERSAL são de autores de reconhecida idoneidade:
Julio Pires Ferreira: — Gramática Portuguesa, 1.º ANO
Mota Filho: — Educação e Sociedade.
Estevão Pinto: — História da Civilização 2.ª SERIE.
Cecília Xavier Pedrosa: — Lições de Latim.
M. Cabral de Mello: — Mon Livre de Français (POUR LA PREMIÈRE ANNÉE).
Mota Filho: — Primeiro Ano de Latim
Waldemar de Oliveira: — Higiene.
S. de Albuquerque: — Análise sintática, 2.ª, 3.ª e 4.ª SERIES.
Mario Sette: — Terra Pernambucana.

Avenida Rio Branco — 50 RECIFE



REINOVACÃO

Guerras e conquistas, legiões em marcha vitoriosa, praças fortes, canhões, a bôa ou a má fisionomia dos combates que se caracteriza pela dureza do choque das armas, tudo mais quanto possa resguardar a soberania dos povos, nos momentos agudos de sua vida política e os torna fortes e respeitados, são evocações que a figura do soldado sempre despertou.

O carinho e a emoção com que o ministro Gaspar Dutra -- o general da bravura e do civismo nacionais, constatou o esforço continuado do Governo e das nossas classes produtoras no sentido de restaurar as finanças e renovar a economia do Estado, problemas êstes cujas soluções os títeres do liberalismo perderam, no emaranhado de conclusões filosóficas, convencem de que o Exército Nacional se impõe, dia a dia, em todos os setores de atividade pública, como potencial de energia da raça, crescendo de vulto as suas responsabilidades que, aliás, nunca o restringiram a mero espectador dos destinos da Nação.

Homem de indicações práticas, apercebido de que a conclusões racionais devem corresponder processos simples e práticos, s. excia. apreendeu, sem duvida, o sentido que informa o programa administrativo do atual Governo, cuja execução se exprime em realizações concretas.

Verdadeira encarnação de militar e estadista, o ministro Gaspar Dutra terá verificado, que Pernambuco, pelo seu Governo, procura fugir aos princípios gerais e abstratos, buscando encontrar formulas que sejam aplicaveis aos casos particulares e concretos.

O Sindicato e suas Finalidades



"FORMAÇÃO ESPIRITUAL"



formação espiritual do operário, deve ser encarada com particular carinho pelos órgãos de classe. Pois, é precisamente por este lado da concepção total do homem, que se evidencia a sua superioridade em face da natureza. Porque, não sendo sólamente material, a consciência religiosa se faz necessária a ele por imposições naturais do seu próprio complexo. É, portanto, o homem, inteligível e "o seu pensamento transcende do físico relativo na ânsia do metafísico absoluto.

É mister por conseguinte, o auxílio da igreja à orientação espiritual dos obreiros. E a sua ação deverá ser exercida precisamente, dentro do próprio sindicato que os contém.

É claro que, disciplinando as atitudes instintivas, a religião vai colocar o homem em rumos seguros dentro da vida temporal. Formando o seu caráter, fazendo-o observar os impositivos de sua consciência indicando-lhe o bem e o justo ou incutindo-lhe na alma as diferenças entre o bem e o mal, e mostrando-lhe as sanções naturais da consciência, a Igreja prepara-o para as grandes lutas, retemperando-lhe as energias do espírito para as novas contendas. Redobra-lhe o animo, fortificando-lhe a vontade e, finalmente, orienta-o nas horas imprecisas das indecisões e incertezas, proporcionando-lhe a satisfação do bem estar espiritual, indispensável à realização das grandes vitórias. Despertando-lhe a ansiedade pelo bem e o belo, pelo justo e o verdadeiro, dinamiza em marcha progressiva a seu desejo de perfeição humana.

E essa ansiedade natural, constatável no homem, somente beneficiará a sociedade, que não poderá temer mais a sanha desenfreada dos temperamentos biliosos ou desorientados, quando entregues aos instintos bestiais desgovernados.

A Igreja, ainda procurando fornecer ao ser humano uma felicidade relativa de acordo com os limites materiais, fa-lo-a sentir o dever em toda sua plenitude

Por SILVINO LYRA

como chefe de família, como cidadão, como profissional, marcando-lhe na alma os deveres para com Deus e a Pátria, para com a família e os seus semelhantes, fortificando, assim, o espírito de solidariedade humana.

E ninguém ousará omitir a colaboração do Cristianismo às grandes realizações humanas, e muito menos o valor incontestado da Bíblia e a verdade dos seus ensinamentos. Pois, nenhuma literatura encerra tanta beleza e substância doutrinária, como a Bíblia, expressando a linguagem do Senhor pela palavra dos apóstolos, e apontando aos olhos angustiados da humanidade insatisfeita os verdadeiros caminhos da vida. Todas as ações humanas estão nela orientadas como uma indicação luminosa aos eternos rumos do espírito, na sua marcha de perfectibilidade. Em nada negligenciou. Tudo foi lembrado. As menores idéias, das mais insignificantes atitudes aos pormenores mais profundos da vida humana. "Nem só de pão vive o homem (a). Ganharás o pão com o suor do teu rosto (b). Todo trabalhador é digno do seu salário (c). Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus (d)" (1).

Contém em si, a Bíblia, o necessário para o equilíbrio entre os homens. É preciso somente o despertar para ela, uma vez que ninguém poderá viver em paz sem os princípios ordenados pelo Cristianismo. Nêle, tudo é equilíbrio. E uma das fórmulas mais perfeitas à solução dos grandes problemas sociais, a doutrina cristã sintetizou nas encíclicas da igreja Católica, Rerum Novarum ou Quadragesimo anno, além de outras, que atestam a colaboração da igreja em busca da felicidade para o homem.

Os grupos econômicos pois, já por serem imperfeitos em confronto ao perfeito relativo da sociedade civil, carecem dessa orientação espiritual, para que seja formada a consciência cristã dos seus elementos constitutivos, afim de, melhormente, poderem realizar a harmonia entre os direitos e deveres. Assim, se evidencia o valor da formação espiritual das massas obreiras num sentido cristão, dentro de cada Sindicato, mesmo como órgãos técnicos do Estado.

JABOATÃO, CENTRO DE ESCOTISMO AGRICOLA



ISITEI Jaboatão — a lendária cidade que vive os seus dias do esplendor do passado e cuja fisionomia urbana agora se renova, tendo oportunidade de percorrer as instalações do núcleo escotista que ali abriga um punhado de crianças, transplantadas do abandono das ruas para o labor fecundo do amanho da terra.

A cruzada de reeducação que um grupo de abnegados, à frente o incansável agrônomo Oswaldo Guimarães, sustenta com os auxílios que lhe oferecem uns poucos industriais e comerciantes, aos quais preocupa, sem dúvida, o destino da juventude brasileira, no seu período essencial de formação e instrução, na sua fase construtivista, está vitoriosa.

Estes bons pernambucanos que emprestam a sua colaboração à feliz iniciativa de Oswaldo Guimarães sabem que não há no período da adolescência um só instante que não influa no destino do indivíduo, nem um único momento que, perdido uma vez, se possa aproveitar. Daí a conclusão de que sendo a juventude a época em que, sobretudo, podemos enriquecer a vida, cada uma das suas horas é a melhor garantia de a podermos valorizar. É durante essa época que vivemos o período de percepção mais intensa.

Entregues aos trabalhos do campo, realizando a cultura prática do solo, sob a inspiração técnica de competente profissional, os menores que participam do núcleo escotista de Jaboatão, estão sendo preparados para a reintegração na sociedade como seus legítimos e perfeitos valores individuais. A sua reeducação atende a um plano sistematizado que se funda em processos simples e eficazes e onde não há lugar para o empirismo de fórmulas mortas e fossilizadas, e os torna aptos para enfrentar as verdadeiras necessidades da vida.

Além do aperfeiçoamento moral e aptidão para

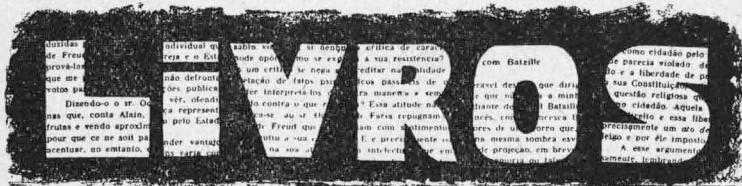
Por Edson Moury

ganhar a vida que o trabalho lhes dá, os reeducados aprendem a se precaver contra futuras contingências e a enfrentar os tormentos de uma vida que, de momento, se poderá tornar incerta. O objetivo a que se destina a campanha escotista, que é desviar a criança do caminho da mal para dela fazer o cidadão útil á sua gente e á sua pátria, com suas próprias forças, vem sendo atingido, brilhantemente, graças ao espírito de renúncia e sacrifício de seus animadores.

Em momento excepcional, como o que o mundo ora atravessa, não deixa de ser algo notável que, se debatendo com uma série de problemas de ordem financeira a resolver em relação aos meios de subsistência de seus tutelados, triunfe o espírito desses apóstolos sobre a divisão e a discórdia que aniquilam sempre as grandes iniciativas, encerrando-as em si mesmas, quando não as agrava com a teoria de que todos os problemas só se resolvem com o facho das revoluções.

O acampamento escotista de Jaboatão encanta pela ordem, disciplina e asseio, parecendo, já, o resultado do trabalho ordenado e metódico de muitos anos. A perfeita e uniforme orientação espiritual de que são portadores os escoteiros, revela a excelente qualidade da instrução que lhes é ministrada. A violência da opressão sistemática não se aplica entre os reeducados, aos quais o poder de persuasão procura conter nos seus excessos, para dar lugar aos modernos processos da pedagogia racional.

A grandeza dessa obra que realizam Oswaldo Guimarães e seus dedicados colaboradores está a merecer, pelo seu caráter humano e patriótico, o amparo de todos os homens de pensamento e de ação, sobretudo, dos que têm dinheiro, os quais, mercê de Deus, nunca faltaram com a sua ajuda a Pernambuco, cuja alma mesma vive, em parte, nas crianças desamparadas que a Campanha Escotista do Nordeste recolheu para depois fazê-las voltar ao convívio social como fatôres positivos.



Título: "Manoel de Oliveira Lima, embajador intelectual del Brasil"

Autor: Richard PATTEE — Lima 1939.

O Brasil tem que dominar pela inteligência. O Continente Novo tem de receber o ritmo do nosso espírito. Porque a nova fase que, dolorosamente é anunciada, é a da America. Não é mais a expressão de cultura ou de civilização que vai ter sua base no domínio das forças econômicas. O mundo não vai continuar a obedecer ao estalão dos interesses materiais. Vai valer a inteligência. O equilíbrio. A harmonia de funções. As verdades totais. A integralização.

O Brasil tem de formar na vanguarda de tudo isso. Porque é a grande terra missionária. Todos o advinham, desde José de Vasconcelos até Keyserling, gente de todos os cantos do mundo anuncia no Brasil o chão da nova época. E o arqui-citado Berdiaeff assiste "a religiosidade do crepúsculo" da época que morre.

Recebemos de Richard Pattee o estudo **MANOEL DE OLIVEIRA LIMA, embajador intelectual del Brasil**, publicado na Revista da Universidade Católica do Perú e em separado.

Oliveira Lima foi bem o símbolo de como deveríamos sempre orientar a nossa política continental. Pela inteligência, pela cultura é que temos de impôr prerregrativas.

O estudo de R. Pattee é índice do interesse que estamos despertando lá fóra. Temos de fazer uma cultura nossa que faça hóspedes. Que faça enamorados pelo continente àfora. A mentalidade do ufanismo, do liberalismo panglossiano tornou-se insuportável, pela eloquência bruta dos fatos.

O Brasil tem que se dar a conhecer, não somente porque é grandão, com riquezas enormes amadurecendo no seu interior, rios imensos etc. É preciso que apareça pela inteligência, pela vontade, pelo sentido barbáro e inedito de sua atitude.

Pattee está a cavaleiro para falar sobre Oliveira Lima. Longe daqui, observa com isenção de ânimo a figura do historiador pernambucano. Assinala suas atitudes e características principais. Analisa sua obra. Suas paisagens morais e sociais.

Apezar de norte-americano, constata que Oliveira Lima sendo admirador do país ianque, criticou acerbamente o avanço "fraternal" do Tio Sam no mundo hispano-americano. Talvez a sua posição de diplomata o tenha impedido de uma afirmação decisiva.

Por AUGUSTO DUQUE

Oliveira Lima acreditou que, no futuro, a civilização terá a sua séde no Novo-Mundo. Falou também do "sueño grandioso de Bolívar" que tanto temos nos referido nestas páginas. Pattee o chama, mesmo, de "fervoroso americanista".

Esse nome é empregado para designar todo aquele que se dedica ao estudo das coisas americanas. É tomado também na acepção de sistema de princípios que deve orientar toda a América.

Oliveira Lima creu num americanismo. Porem, americanismo causa morta. Frio, sem alma, convencional, certinho como um silogismo. Fruto de vontades literárias. Diletante. Que primava em ser pacifista, como ele próprio afirmou. Americanismo de velhos, como na velhíssima Europa perduram os velhos sistemas ideológicos das grandes comunidades raciais e políticas.

Mas, o nosso americanismo é antes de tudo impulso barbáro, vontade incoercível, anseio telúrico. É a imposição cósmica que a inteligência interpreta dominando-a e sistematizando revolucionariamente.

Só assim poderemos pretender a posse do calor divino da energia criadora. Porque o nosso americanismo é vivo e bulíoso.

Outro ponto interessante que Pattee assinala na vida de Oliveira Lima é a sua crença política. Foi monarquista no tempo do Império e republicano na República. Acredita que o Império cumpriu uma missão estabilizadora. Porem, que a república foi necessária porque o Império "no estaba suficientemente de acuerdo con el espíritu positivo de sua época y menos aún mostraba disposiciones para estimular los apetitos de riqueza latente en torno suyo". E o Pattee justifica: "La decadencia imperial fué lenta y natural. Sua misión histórica completada, no le quedaban fuerzas para perpetuarse".

A ausência de partidarismo, isto é, de quebra das visões imparciais no julgamento dos fatos históricos foi uma das maiores qualidades de Oliveira Lima. Assim, ele próprio sentia-se alegre em ter posto o seu serviço, a segurança do seu pensamento na defesa da figura imensamente caricaturizada de d. João VI. Foi, certamente, um dos maiores feitos de sua vida de historiador.

O Richard Pattee é, sem dúvida, um bom sujeito. Lá de fora, já começa a sentir a cadêncio arrojada que nos anima e assim os nossos assuntos fazem parte de suas atividades culturais.

O estudo que ora noticiamos foi feito todo num entusiasmo surpreendente. Parece ter sido, mesmo, para cortejar-nos, num sentimento de amizade e de fraternidade. Com fartura de adjetivos.

Não assinalámos, entretanto, um calor espontâneo em suas afirmações. É bem medido. Não alcançou ainda a compreensão bruta das coisas continentais. O sentimento inato, com as noções impensadas do ambiente cósmico.

Entretanto faz-nos um bom serviço.

LETTRE DE FRANCE

La fleur sur le fumier

(Divulgação exclusiva de
“RENOVAÇÃO”)

A L'ACTIF DE LA GUERRE!

J'ai l'impression, j'ai des raisons très profondes de croire que ce pays se dégage d'une crise...

On veut toujours que ce soit la faiblesse qui soit la règle, qui aille de soi. C'est précisément ce que je conteste dans tous les ordres, du moins pour cette race française. En France, le courage et l'héroïsme vont très bien de soi. Non, ce n'est pas en cent ans, ce n'est en aucune durée humaine que peut changer ce qu'il y a de plus réel dans une race. Cette part là ne meurt pas.

Charles PEGUY

La guerre, ne change pas les individus, elle les montre tels qu'ils sont réellement.

Jadis, c'est à dire il y a de cela quelques semaines, alors que nous vivions des heures rendues médiocres par nos quotidiennes et mesquines préoccupations, des heures faites en somme de petits bonheurs successifs et de déceptions terre à terre, l'amertume du passé, la grisaille du présent et l'inquiétude de l'avenir nous avaient faits à notre insu différents de ce que nous étions.

L'homme, cet inconnu l'était jusque de lui même.

Comme la fonction crée l'organe, le cataclysme nous a rendu, c'est un fait, notre véritable personnalité. Débarassés de ces contingences qui freinaient nos réflexes et amenuisaient nos réactions, nous sommes pour la première fois (je parle de ceux qui ne vécurent pas 14) devenus nous-mêmes.

Nous mêmes, c'est à dire que nos individualités se sont fondues dans le grand creuset national, sans que cette métamorphose ait eu cet affligeant résultat d'enchaîner nos pensées, de les uniformiser, de les collectiviser comme cela se serait produit sans doute si nous n'avions pas été les fils libres d'un pays libre.

Sans nous en rendre seulement compte, sans perdre aucune de nos qualités traditionnelles, nous en avons acquis d'autres, au premier rang desquelles ce mélange

Por Ch. M. ANGEBARDIER
Secrétaire de Redaction
“LE NATIONAL”

harmonieux de réalisme et d'idéalisme qui nous fait enfin comprendre que tout ici bas se paie et que tout se mérite.

En regard, nous avons perdu, sinon cette apparence frondeuse, sceptique et volontiers cynique qui n'est généralement qu'un paravent placé devant nos émotions intérieures, ni ce goût du paradoxe poussé à l'extrême qui empêche parfois l'étranger, même ami, de nous entendre, du moins cette propension à l'anarchisme conservateur et ce dillettantisme narquois, fruits amers et empoisonnés d'un matérialisme qui n'a désormais plus cours, qui se dillue dans la vague de spiritualité qui déferle à nouveau sur la nation prédestinée qui inscrivit les plus belles “gestes”, les pages les plus émouvantes au Grand Livre de l'Histoire.

Sans cesser de respecter la personne humaine en général et la leur en particulier, les Français sont redevenus un peuple. Non pas un peuple de héros car l'héroïsme pour être vertu ne peut être qu'exception, sans quoi elle ne serait que banalité, mais un peuple ayant comme par enchantement retrouvé sa fierté originelle, un peuple qui puise sa noblesse aux sources pures de l'Intelligence, de la volonté et du cœur. Et cela a suffi pour qu'il regagne d'un seul coup un faisceau de sympathies ardentes, pour que vers lui tournent leurs regards angoissés tous ceux qui sentent avec d'Annunzio que sans la France, le Monde serait seul...

De sa plume audacieuse, Péguy n'hésitait pas à faire parler le Créateur.

Que lui fait-il dire? Ecoutez plutôt:

—C'est embêtant, dit Dieu, quand il n'y aura plus ces Français. Je fais des choses: il n'y aura plus personne pour les comprendre...

Quel rude langage! Que de vérités contenues dans ces deux phrases toutes simplettes, toutes naturelles! Ne vous semble-t-il pas qu'elles répondent, qu'elles claquent comme un défi à l'adresse de la sacrilège apostrophe de Renan à Dérouléde: La France se meurt, jeune homme: ne troublez pas son agonie!

Mais ce que Péguy ne savait pas, ne pouvait pas savoir en écrivant au seuil de la Mort lumineuse et anonyme, ces lignes qui sont, plus que l'expression d'un impulsif orgueil patriotique, la résultante d'une lutte entreprise et gagnée en lui par l'esprit sur la matière et aussi la prescience que la génération montante allait, renversant les nouvelles idoles, égaler dans le sublime Psichari qui prenait "contre son père le parti de ses pères", oui, ce que Péguy ne pouvait pas savoir, c'est que ceux qu'il magnifiait si généreusement ne pourraient se maintenir au pinacle et qu'il faudrait une autre épreuve sanglante pour qu'ils ressortent de l'ornière, tel Lazarre de son tombeau, pour qu'ils s'élèvent de nouveau aux cimes...

Ce déclin, aux époques heureuses, non de la France mais des Français, ce masque déformant dont, tous tant que nous sommes, nous nous laissons affubler, n'est pas le fait d'une impuissance congénitale et funeste à nous atteler aux tâches de longue haleine.

A preuve: la guerra. Nous en ignorons la durée. Pourtant nous la faisons. Et bien!

Comment peuvent se produire alors chez nous de telles désespérances, puis de si foudroyantes remontées? Question complexe à laquelle il est malaisé de répondre autrement qu'en constatant que nous payons durant les périodes de calme qui devraient être des périodes de prospérité la rançon des vertus dont nous faisons preuve à l'heure de l'extrême péril.

"Les Français ont été et sont encore des innocents," écrivait l'autre jour M. René Benjamin dans "Candide",... Le bon sens élémentaire commande de croire au mal. La plupart des Français n'y croient pas...

La plupart des Français n'y croyaient pas aurait-il du dire. Car la guerre qui possède à son passif tant d'irréparables ruines, tant d'inutile souffrance, compte du moins à son actif — la fleur qui pousse sur le fumier! — ce fait qu'elle nous a constraint a refaire notre examen de conscience, à repenser les pseudo-vérités que nous tenions pour définitivement acquises.

Nous sentons désormais avec Pascal qu'il faut mettre ensemble la justice et la force et pour cela, faire que se qui est juste soit fort ou que se qui est fort soit juste.

La guerre,, c'est peut-être, c'est sans doute pour beaucoup, en face, l'accomplissement d'un rite, l'assouvissement d'un désir. Pour nous, fils de la Bretagne nostalgique, de la lumineuse et insouciante Provence ou du pays à la fois ténébreux et coloré où vécut Ramuntcho, la guerre, cette guerre, c'est autre chose.

C'est un drame terrible mais grandiose, vivifiant mais dévastateur, implacable mais portant malgré tout en lui des germes de renouveau. C'est, pour un peuple qui ne la désirait pas mais à qui il fut imposé un sacrifice auquel il consent fermement, car il puise dans son accomplissement la foi dans l'avenir, la foi dans une Providence qui ne peut rester insensible à la muette prière qui émane des inéluctables et sacrilèges destructions.

Henri Troyat, confiant à Marianne ses impressions de mobilisé, écrit: "La guerre, me disais-je, rend leur prix véritable aux diverses activités humaines. Les

valeurs spirituelles du temps de paix s'effondrent. Les besoins élémentaires excluent les jeux de l'esprit. Rien ne compte plus que l'immédiat, l'indispensable, le physique..."

Et le dernier lauréat du Concourt d'ajouter qu'il ne lut fallut pas une semaine pour "apprécier son erreur".

En vérité, n'est-il pas permis, sans pour cela cesser de les maudire, d'écrire que des guerres comme celle que nous vivons ne sont mortelles, quoiqu'il arrive, que pour les nations que n'ont pas pour elles l'âme pure et la conscience en repos, et qu'elles apportent au contraire aux pacifiques et aux justes, tel un elixir de jouvence, outre la certitude absolue en la victoire finale, cette autre certitude que la leçon des pauvres Morts donnera aux Vivants le courage et la virilité qui leur permettront d'affronter l'oeil clair mais cette fois les dents serrées et le masque farouche les travaux obscurs mais non moins décisifs de la vraie paix recouvrée...

Angebardier

O GOVÉRNO AGAMENON MAGALHÃES E A SECRETARIA DA SEGURANÇA

I

Da repressão ao sensacionalismo da Imprensa

A "plaquette" "O GOVÉRNO AGAMENON MAGALHÃES E A SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA" é um belo exemplo de organização, fruto do Estado Novo em Pernambuco.

"A todas as reações anti-sociais, no Estado, opôs a Secretaria de Segurança uma campanha sem treguas, reorganizando o aparelho repressor, criando ambiente favorável à paz pública e reprimindo as mais elementares manifestações da criminalidade."

As seitas africanas, o baixo espiritismo, a jogatina desenfreada, as ofensas ao decôro público e outras práticas corruptoras, foram problemas que a Secretaria de Segurança teve de enfrentar. Entre êles a repressão ao sensacionalismo da imprensa, em bôa hora empreendida pela nossa Secretaria de Segurança veio cooperar na reeducação do espírito da "massa", reduzindo ao mínimo as suas manifestações de emotividade coletiva. Pena é que noutrós Estados não tenham compreendido a importância moralizadora dessa campanha, onde certos periódicos ainda exploram esse sensacionalismo corrutor, com os retratos das vítimas e as vidas romantizadas dos protagonistas, causa de tantos crimes e suicídios em séries.

A "plaquette" da Secretaria de Segurança merece a maior divulgação, por sua feição objetiva, dados estatísticos e gráficos, instruindo e tranquilizando a sociedade pelo acerto de medidas, cujo alcance ficou provado no declínio da criminalidade, em geral, no Recife.

M.

Filosofia do Mundo Inorgânico

I

MECANISMO E NÉO-MECANISMO

nADA mais universal e de maior evidência no mundo dos corpos do que o movimento. Por outro lado, quando notamos o movimento, percebemos necessariamente que alguma coisa se move — os corpos.

Daí, os principais problemas, talvez, da filosofia natural suscitados pelas perguntas: — “Em que consiste o movimento?”, “Em que consiste a substância corpórea?” Aprecemos, através do tempo, as soluções tentadas para responder à última dessas interrogações.

Vários sistemas erigiram-se com o estudo da constituição íntima da matéria. E nisso obedeceram, sempre, à idéia dominante em algumas correntes filosóficas. O mecanismo puro ou tradicional, o néo-mecanismo, o atomismo dinâmico, o energetismo, o dinamismo, o hilemorfismo, dizem bem dos esforços, mobilizados pelo pensamento humano, no sentido dos puros abstratos. É, porém, ao mecanismo, nas suas duas fases, que nos vamos reportar, desta vez, explanando-lhe as idas fundamentais.

Rematando à mais alta antiguidade, este sistema aparece com Tales, para quem o mundo deriva de uma única substância primitiva: — a água, que presidiu a todas as transformações dos corpos.

Mais tarde, Demócrito vem enriquecer o mecanismo, afirmando a identidade da matéria cósmica e constituição atômica dos corpos. É, propriamente, o fundador do “atomismo” ou, mais geralmente, da filosofia “mecanista”. Entende só existirem vácuo, (no que foi contestado por Aristóteles) e átomos, que são corpúsculos extensos e indivisíveis, movendo-se no vácuo. Enquanto a percepção é, apenas, o resultado da expulsão desses átomos do objeto que incide sob os órgãos dos sentidos. É, em suma, um mecanismo físico que pretende explicar a organização das coisas por meio de circunstâncias fortuitas.

Mas é Descarte quem consegue imprimir relêvo a esse sistema. Contra a concepção unificadora de Spinoza, opõe a sua idéia de separação da realidade em duas substâncias últimas — uma espiritual, outra material. Mas, com Spinoza, exclui o vácuo e os átomos, admitindo a divisibilidade do infinito (Janet). Descartes é espiritualista. No mundo só vislumbra modalidades de máquinas. Fóra do mundo, no entanto, vê Deus. E, como uma consequência lógica, vai encontrar, no corpo (humano), a alma.

Descartes é o círculo da tradição subjetiva e idealista. Vincula a intuição racional à instigação científica. Visa, com os seus estudos, à natureza íntima dos seres. E pensa que a filosofia só pode ser exata, quando expressa em forma de matemática. Daí, pretender levantar a sua cosmologia sobre o conceito matemático da extensão. (Enquanto Anaxágora erigia a geometria em metafísica).

Com efeito, é na extensão que Descartes vai descobrir o princípio constitutivo dos corpos. Estes não são mais do que massas inertes, sem nenhum princípio interno de atividade. Chega até a reconhecer, na extensão, a essência mesma dos corpos. E, assim, implicitamente, recusa a matéria as propriedades que não podem logicamente ser deduzidas da análise da extensão.

Contudo, Descartes, a essa altura, tenta uma explanação. Afirma encontrar essas propriedades, deduzindo-as da essência mesma do corpo, identificada com a extensão. É quando o filósofo mais se integra na estrutura do pensamento mecanista.

Surge, no entanto, o XIX século. Sob o influxo das idéias então dominantes, entra numa fase esse mecanismo cartesiano, erigido “a priori”. E para isso muito contribue a aplicação da hipótese atômica ao domínio da química (Dalton).

De fato, os mecanistas tradicionais viam nos corpos modificações, apenas, de uma mesma substância. Rejeitavam qualquer diferença essencial ou específica entre os mesmos. Pois não eram simplesmente físicos, mas, também, metafísicos.

Os néo-mecanistas, não. Excusam-se, em princípio, a indagar sobre a natureza íntima da substância. E mesmo sobre a constituição essencial dos fenômenos. Pois acreditam tratar-se de problemas de ordem ontológica.

Como, porém, surgiu esse novo mecanismo? Como explicar o fenomenalismo e o relativismo que são o seu traço distintivo? Foi como veremos, o resultado de certas concepções filosóficas, sobre o valor da inteligência humana.

Kant acredita arrancar o “noumenon” ou a substância, às “prisões” do entendimento. Acha que a realidade não poderá nunca ser apreendida pela experiência, por ser “noumenon” (ente) concebível, mas não cognoscível, como o mundo dos fenômenos construído pelo nosso espírito. É o que nos revela na sua dialética transcendental. Enquanto os néo-criticistas fracassam chegam a afirmar que a “coisa em si”, a substância, não existe, sendo simplesmente químérico o seu conceito.

Comte, por sua vez, firma o seu positivismo sobre base empírica. Nega o absoluto. Proscrive a metafísica. E vai ao ponto de declarar incognocível, tudo o que ultrapasse a experiência sensível.

Enquanto isso, William James, procurando uma solução prática, vê na metafísica mesma, apenas a ciência da síntese final dos dados da experiência. Entende ser verdade um processo, uma verificação, um valor, em suma, subordinado a condições psicológicas e não um fato. E funda o seu pragmatismo admitindo ser o “noumenon” simplesmente a totalidade dos fenômenos. E o absoluto, a “teia de entrelaçamento das relações do mundo”.

(Continua na página 32)

O BRASILEIRO

(Comentando Clovis Chaves)

Apêna de Clovis Chaves traçou pela "Renovação" de Janeiro o retrato fiel do brasileiro de nossos dias; indicando com precisão as causas embarrancantes do seu desenvolvimento moral. São suas as seguintes expressões: "O cinema, a moda, os clubs, o rádio e todos os elementos de progresso material empregados sem finalidade educativa e nacional vão aos poucos standardizando o caráter brasileiro, por não serem acompanhados de fatores que os neutralizem." E, bem essa a síntese da deformação moral de um povo. Desde que "os elementos de progresso material", sejam empregados "sem finalidade educativa", nenhum desenvolvimento espiritual será obtido. Ora, antes do cinema, da moda, dos clubs e do rádio, tivemos com a introdução da escravatura a desmoralização do trabalho manual nos campos e nas fábricas. E essa foi a primeira causa de sua deformação; e tão profunda que nem a abolição e nem as transformações políticas ad vindas sob novas bases jurídicas e sociais em 1889, 1930, 1934 e 1937 conseguiram apagar esse estigma e seus efeitos. Consequência tem sido a preocupação de todo brasileiro, mesmo o de classe mais humilde, dar a seus filhos um cargo público, quando não lhe pôde arranjar um título de doutor por qualquer meio, simplesmente para fazê-lo escapar à desonra do trabalho. Emancipação do servilismo proletário pela incompreensão da dignidade do esforço material e humano despido na defesa de sua própria conservação. Agravando essa concepção, vem se alimentando o erro de, na organização das classes sociais e trabalhistas, manter o caráter de permanência entre seus componentes. A lógica presunção devêra assentar na transitoriedade da função social. O soldado aspirando ao oficialato; o operário a ser patrônio; o estudante a ser mestre. Cada classe representando um degrau para um plano superior. Todos a percorrer a espiral das justas aspirações para o mais alto. Sempre o desejo de subir. A alegria de conquista de um melhor bem estar pelo aprimoramento de suas aptidões ou melhoria de sua capacidade econômica. O anhelo constante de aperfeiçoamento espiritual. Nessa incessante ascenção não se deve, porém, perder de vista o indivíduo dentro da sociedade. Assim como no conjunto planetário cada astro conserva seus movimentos próprios na marcha harmônica para o infinito, também a sociedade, na classe como na corporação a evolução no sentido do bem sómente se poderá processar pela fixação as qualidades morais de cada um de seus indivíduos. Si, pois, o Estado é um complexo de órgãos em função, é imprevidência menosprezar cada uma de suas moléculas componentes; visto que a doença descurada de uma delas bem pode contaminar o resto do organismo. A malária, ainda hoje tida por incurável, decorre da simples picada de um anofelino sobre um ponto menos que molecular. Para que, portanto, se objective o otimismo em torno do destino do Brasil, a que se refere Clovis Chaves, preciso é que desde já se comece o trabalho de aperfeiçoamento moral de cada brasileiro. Tendo em

Por Pedro Callado

conta o arraigamento de vícios e defeitos anteriores, impõe-se medidas rigorosas de prevenção em favor das gerações novas, enquanto se reprimam nos adultos o que de nocivo herdaram de seus ancestrais. O ensino primário realmente gratuito e obrigatório com sanções penais contra os responsáveis por sua não frequência, como meio de extinção do analfabetismo criminosamente alimentado pela demagogia dos políticos profissionais; o ensino profissional, sobretudo agrícola, como meio de restauração da dignidade do trabalho manual; o serviço militar compulsoriamente obrigatório, como necessidade de aparelhamento de defesa da soberania nacional por um maior amor à pátria; a facilidade de garantias na fixação do camponês ao solo, pela restrição do direito de propriedade rural apenas concedido ao brasileiro nato; a estabilidade do custo de vida pela uniformização dos preços dos produtos nacionais em cada Estado, para efeito do equilíbrio econômico da cada indivíduo a se refletir na prosperidade da Nação; o combate sistemático e impiedoso contra a deshonestidade funcional pelo selecionamento dos capazes, como primordial estímulo à moralidade das relações entre indivíduos em sociedade; a consubstancialização enfim das leis preventivas e repressivas aplicáveis à manutenção da harmonia social, baseadas nos sãos ensinamentos do verdadeiro cristianismo, a focalizar a conduta dos bons no castigo regenerador dos que erram; todas essas seriam medidas de acertada aplicação. Somente saindo, assim, do platonismo com que estão sendo encaradas as modernas concepções jurídicas e sociais entre nós para um imediato rigorismo de seleção levada a efeito sem treguas nem tergiversações e assentando no despreendimento de cada um em benefício da comunidade, poder-se-á estabelecer a neutralização dos fatores negativos, que complexo racial tem feito predominantemente afirmar o autor do artigo com que se ilustra a edição e janeiro de "Renovação".

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

"Bellas-Artes". — Jornal dos artistas plásticos. Direção de QUIRINO CAMPOFIORITO. Editado no Rio de Janeiro.

"Anais do 2.º Congresso das Academias de Letras", organizado pela Federação das Academias de Letras do Brasil. Rio de Janeiro.

"Manoel de Oliveira Lima, Embajador Intelectual del Brasil". — Richard Pattee — Editado em Lima. 1939.

"PRO ECCLESIA" — Órgão do Secretariado Nacional de Defesa da Fé. Editado no Rio de Janeiro.

O Escotismo em face da Emigração Agrícola

Por OSWALDO GUIMARÃES

No número de *Renovação*, de Dezembro ultimo, tratei de um modo geral do escotismo como escola integral de educação. Escola que visa os menores desamparados, impondo-lhes uma nova condição de vida, ou seja o aproveitamento de suas energias desorientadas nesse sentido finalista e prático em que se deve perceber as grandes e verdadeiras manifestações do espírito humano.

Mostrei em linhas gerais, o que precisamos fazer para se conseguir esse tipo de operário agrícola nacional, tão escasso no Brasil. Depois de estudar a situação em que vivemos como homens do campo, depois de focalizar vários aspectos da nossa educação ruralista naquilo que diz respeito aos ensinamentos ministrados pelos educadores, quando procuram descobrir as raízes da nossa apatia por uma vida tão cheia de belezas, como a do campo, apresentei um plano, que concretizando em ação e materializado em realidades, práticas, poderá salvar as futuras gerações desse indiferentismo voltado às nossas necessidades e que são os próprios anseios nacionais.

Disse da dificiência da nossa obra como escola de preparação áqueles que se dirigem ao campo, porém afirmei também o quanto podemos fazer e realizar em benefício da Pátria commun, quando conseguirmos a adesão daqueles que acreditam na força, na grandesa e na eternidade da Nação—como expressão coletiva, como a soma do esforço individual, nessa ânsia de conquistar os mais altos degraus da civilização, a custa da capacidade profissional e especializada de cada brasileiro.

O esquema que deixei no final do meu artigo, constituindo uma síntese e um sistema de educação para aproveitamento desses brasileiros que perambulam à mercê dos tempos, sem recursos, porque não receberam educação segura à vida que os seus antepassados viveram e glorificaram, evidencia o propósito e o desejo da iniciativa particular atenta aos ideais nacionais. Cabe portanto aos poderes públicos, coadjuvarem com qualquer iniciativa que tenha em vista o fortalecimento cada vez maior da nossa terra, da nossa gente e do nosso patrimônio. Disse da responsabilidade dos governos no tocante aos complexos problemas de educação e assegurei que a terra entra como um dos principais fatores na formação profissional dos homens que conduzirão o Brasil de amanhã ao seu verdadeiro destino, criando-se um operário agrícola capaz de rivalizar com esse outro tipo de trabalhador que importado de terras estrangeiras aqui permanece com aquele mesmo anseio de todos os tempos, criar e transferir as suas tradições, os seus costumes, a sua língua e as idéias de origem para mais tarde facilmente conquistar também a nossa terra e a nossa gente. Hoje, tratei da emigração ruralista, problema seríssimo de despovoamento da nossa zona agrícola pelo abandono do campo dos nativos atraídos pelas grandes indústrias urbanas, pelos salários mais justos, e do perigo de sua substituição por elementos estrangeiros.

"País que encontra suas origens não em migração provenientes de zonas super-povoadas, mas como simples colônia de exploração de um povo bravo e pouco numeroso, apresenta a sua história econômica e social aspectos que lhe são peculiaríssimos. Sua divulgação se torna cada vez mais necessária, para que possamos aproveitar os ensinamentos que as reações do meio vêm oferecendo à atuação do homem na luta em que, há mais de 400 anos, se vem empenhando pela formação de um organismo social forte, capaz de desfrutar as mais favoráveis condições, de vida". Do melhoramento dessas condições, estou certo há de surgir uma outra norma de vida compatível com o progresso que almejamos. Pernambuco que tem a sua história escrita pelo sangue daqueles que souberam com a fé em Deus e na Pátria, defender a unidade nacional das mãos do invasor, Pernambuco, como esta grande Pátria pela qual vivemos, cujo território foi ocupado em diversos pontos pelos ambiciosos de além mar, não precisa de imigrantes, antes pelo contrário, precisamos sim, evitar a localização de elementos estranhos a nós mesmos e que alimentam aqui os mais insondáveis anseios.

A história brasileira está cheia de casos de cubiças e nós não podemos e nem devemos cruzar os braços justamente nesta hora em que o mundo se agita nas competições ideológicas, em que a luta se desencadeia de ação e realizações desafiando o homem a si mesmo.

Eu poderia mostrar os perigos iminentes da imigração, quando se tem em vista localizá-la, fazendo-se aquilo que a prudência repele e que se chama colonização por elementos estrangeiros.

Devemos colonizar o Brasil com os brasileiros pelo aproveitamento dos braços nacionais desocupados e improdutivos.

O Brasil não precisa de imigrantes. Nós temos gente de mais para cuidar de todas as nossas riquezas. O que precisamos é cuidar mais do nosso homem, porém cuidar deste homem, não somente proporcionando-lhe recursos materiais: utensílios, concessões de terras, créditos, etc., como concedemos aos imigrantes dali e daquem mar, mas antes e acima de tudo dando-lhe uma educação conveniente e apropriada, capaz de torná-lo um fator de ordem e de progresso e de radicá-lo ao rincão natal. Sómente assim evitaremos a emigração ruralista, esta fuga de potencial econômico que são os braços dos trabalhadores agrícolas, atraídos pelas grandes urbes.

Cuidando com entusiasmo dos nossos patrícios, dando-lhes educação ruralista, meios e terras. Concentrando em campos agrícolas os menores abandonados, trabalharemos pela grandeza desta grande Pátria.

NOTA: — No próximo número explicarei a função e finalidade dos campos agrícolas destinados à criação de um tipo de operário agrícola nacional, etc.

A VIDA FANTASTICA DO JUDEU LITVINOV

Por JORGE RAMOS

Para "RENOVAÇÃO" e
"VIDA MUNDIAL" de
Lisboa.

TERMINOU na Russia o "dominio dos judeus", Kaganovich Litvinov era o ultimo dos grandes judeus a quem Estaline permitiu que continuasse a exercer funções no governo da Soviecia apesar das numerosas operações de "limpesa" — as célebres tchitski — que eliminaram na Russia quasi todos os judeus. A imprensa alemã chamava então ao comissário do povo Finhelstein...

A retirada brusca de Litvinov devia significar, mais tarde, uma transformação radical na política exterior da Soviética. Quem é Litvinov? O seu apelido verdadeiro é Wallach e o seu primeiro nome autentico é Meyer. Mais tarde, trocou-o pelo de Maximo. E' filho dum pequeno burguês estabelecido na aldeia polaco-judia de Bielostok que a Polonia anexou mas que no antigo regime russo dependia da província de Lituania.

Wallach era mesmo considerado como um lituano: — como um litwak.

Tomou o nome lituano de Litvinov ao ingressar na carreira diplomática, seduzido pela sonoridade do nome do antigo embaixador russo em Constantinopla. O passado deste homem estranho, "filho da Revolução", é para muitos um eterno enigma. Foi conspirador, e ainda que nunca tivesse estado nas barricadas, podemos considerá-lo um revolucionário na mais ampla acepção do vocábulo. Viveu uma existência perigosa e aventureira que o obrigava, de vez em quando, a mudar de nome. Segundo as circunstâncias chamou-se Felix, Rocha, Gustavo, Graf, Luis Nitz e Max Finhelstein.

Os Wallach, crentes e conservadores, eram gente humilde. Como entre os judeus orientais se segue o costume de dar às crianças uma instrução superior, Meyer frequentou as universidades de Paris e de Londres enquanto o irmão ingressava num seminário rabínico. Muito novo e senhor dum vasta e sólida cultura aderiu ao grupo judaico-socialista Bund. Perseguido pela polícia devido à sua atividade revolucionária, refugiou-se em Genebra e passou depois a Londres, sem um centavo no bolso... Proteções misteriosas colocaram-no como empregado num Banco. Começou desde esse dia, a levar uma vida dupla: de dia era o "cleck" insignificante e de noite recebia as secretas visitas de emigrados russos que lhe confiavam determinadas missões. Comprometeu-se em conspirações, organizou entradas ilegais na Russia e teve como principal missão obter armas para a organização ilegal do partido. Depois do ce-

lebre atentado que Estaline mandou organizar contra o comboio correio de Tiflis, Litvinov recebeu a incumbência de pôr a bom recato os valões roubados. Quando Lenine conquistou o poder em 7 de novembro de 1917, Maximo Maxibovich Litvinov podia já orgulhar-se dos grandes serviços que prestaria ao partido.

A sua carreira diplomática inciou-se em Londres, sem o "agreement" do governo inglês. Foi preso quando os bolchevistas encarceraram o diplomata inglês Lochbart, em Moscovo.

Foi em Inglaterra que conheceu Ivo Low, jovem de ascendencia aristocrática mas de temperamento revolucionário e que se encontrava em contacto com os revolucionários russos. Litvinov falava corretamente o inglês apesar do seu idioma natal ser o idish. Como provinha daqueles ambientes israelitas orientais nos quais a assimilação passa sem deixar rastos, falava todos os idiomas com o acento da língua materna.

Litvinov é um homem inteligentíssimo e de espírito clarividente. Nada teve de doutrinário. Nunca se apega a uma ideia fixa.

Sucedeu ao genal Chitcherin no posto de comissário das Relações Estrangeiras depois de ter sido seu secretário durante alguns anos. Estes dois homens não podiam tolerar-se mutuamente. Eram de temperamentos diferentes. Chitcherin era um aristocrata nato, um "original" bastante desordenado, enquanto que Litvinov era um pequeno burguês incapaz de converter-se num homem cosmopolita. Viveu com grande fausto na rua Spiridononhe e acudiam às brilhantes recepções que dava todos os diplomatas estrangeiros. Sua esposa tinha uma distinção especial. Falava unicamente inglês. Quando se expressava em russo denunciava logo pela pronuncia a sua origem.

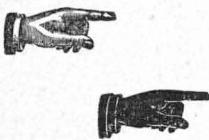
Quando os jornalistas portugueses visitaram a Russia em 1925, — em fins de Outubro — vi, em casa de Litvinov, o embaixador alemão levar aos lábios a mão da gentilíssima esposa daquele homem extraordinário... embora já se tivesse esboçado para os lados de Nuremberg certos rumores de canhoneio. Foi quando vi o homem que mais tarde sucederia a Litvinov.

Nessa noite inesquecível, Molotov foi apresentado aos jornalistas portugueses e a outros convidados da imprensa francesa e inglesa. Era um homem de vulgar elegância dentro dum casaca impecável. Ambos dansaram com as damas da melhor aristocracia alemã: as duas esposas dos embaixadores alemão e finlandês. E ambos dansaram ao som dum velha "masurka" polaca, animada. Os conspiradores de outrora tinham-se transformado em autênticos burguês.



SENIDO SEMPRE NOVO DA POESIA DE JORGE DE LIMA

Por Cleodon Fonseca



NAO há dúvida que existe uma certa complexidade em alguns poemas de Jorge de Lima. A prova é que tem sido o poeta mais discutido do Brasil. Explica-se, todavia, muitas vezes, o que para uns é uma polivisão — onde, paradoxalmente, há sombras de obscuridade, e, para outros, significa hermetismo, justamente pela potência da inspiração que vai além da própria expressão.

Já falaram em **estado poético** (Maritain e outros). É o momento mesmo da comunhão com alguns poetas. É o caso, por exemplo, de Georges Bernanos, que, entendendo perfeitamente a poesia do autor de **TEMPO E ETERNIDADE**, responde-lhe com uma "gratidão profunda", achando que *ce dernier mot, sous ma plume a un sens. Je le préfère mille fois à celui d'admiration, deshonoré par les menteurs.*

O livro **POEMAS** (coleção de poemas extraídos dos seus livros) traduzidos para o espanhol, cada vez mais nos vem pôr em comunhão com esse grande espírito, inegavelmente o maior poeta católico do Brasil.

Porque Jorge de Lima sempre apresenta novidade. No me refiro ao ANJO que revolucionou a crítica brasileira. Novidade, psicológicamente — no alto sentido, deixando-nos admirados com novos caracteres e novas faces da sua poesia.

Todos já sabem, por exemplo, que o autor de **TÚNICA INCONSÚTIL** é um místico, no sentido superior da palavra. Entretanto, original e admirável é que, enquanto poetas místicos se afastam completamente do mundo (em um prolongamento de sonho), Jorge de Lima não abandona o natural. Equivale a dizer que vive, realmente, em perfeita compreensão com a vida. Ou ainda, como querem alguns, o poeta não perde o contacto com a realidade cósmica. E é um incessante criador de paisagens humanas (volta sempre os olhos para os quadros bíblicos) não abandonando a natureza, ou, para melhor dizer, os elementos in-

tegrantes da poesia. Traz o panorama, sobretudo humano, porque tem necessidade dele. E, do humano ao divino, o poeta não conhece distâncias para as suas contemplações. Porque, segundo a felicíssima conclusão de Manuel Anselmo, que analisou a sua poesia, Jorge de Lima é "um lírico de ambiciosos deslumbraimentos". Lembro-me, agora, daquêle admirável **AMO A SOLIDÃO :**

Gosto de andar nos desertos imensos
pelas sarças sagradas, vendo as tardes
cheias de cordeiros e de mulheres morenas
que vão buscar agua nas cisternas distantes
onde moram as estrelas do ocaso.

(TEMPO E ETERNIDADE).

Embora livres os seus poemas e amigo da liberdade, Jorge de Lima não comprehende a poesia fora de Cristo (alguns subtrairiam este "embora"). Entende que essa é a atmosfera da liberdade. Ou ainda — para ele, Cristo é a essência da poesia. A prova é que

La inmena metrópoli había abolido la poesía ;
pero un cierta mañana, habiendo nacido en un albergue
un niño predestinado, el poeta volvió.

Mais adiante, baixando os olhos para **SABIDURIA**, vemos que o poeta levanta os seus, pedindo

Dame Sabiduria, Señor, para que la poesía tenga Tu
[marca !

E, sem perder o contacto com o mundo e a vida,
nos domínios da mística, lembra **CUANDO ESCRIBÍS EN LA ALTA NOCHE** que

Mira la Gran Mano que se abate sobre ella
y la hace deslizar sobre el papel estrecho...
.Si no creéis, tocad con la otra mano inactiva
las llagas de la Mano que escribe !

E mais ainda : em alguns dos seus poemas há o que podíamos até chamar de **sensualismo lírico** elevando-se até a mais alta espiritualidade. O seu **sensualismo**, com tonalidades místicas, afasta-se, todavia, do **leit-motiv** do seu companheiro de **TEMPO E ETERNIDADE**, Murilo Mendes, cuja poesia, sendo sincera, rílo Mendes identifica a igreja com u'a mulher que o atrai (A **POESIA EM PÂNICO**), enquanto Jorge de Lima eleva a inspiração inclinadamente para a espiritualidade. No **POEMA DE CUALQUIER VIRGEM**, ele anuncia que **La imagen de la inocencia, de la voluptuosidad, las representaciones increíbles están en el dorso de la Virgem, en el cuello, en la faz**".

Perfeitamente humano, em sentido exato, o poeta Jorge de Lima viu poesia em todas as manifestações da via (já anotamos a ascendência a Cristo). E na coleção **POEMAS**, ainda há o reflexo da policromia do mudo e da própria ambivaléncia dos sentimentos — revelando, podemos dizer, a verdade daquêle conceito e Bernanos, segundo o qual **la Poésie suit le destin de l'homme**. Um exemplo : o **POEMA DEL CRISTIANO** — síntese da vida realizando-se bem perto do caminho que a arte idealizou.

“CIVILIZAÇÃO DO NORDESTE”

VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

A conferência que Agripino Nazaré pronunciou na Exposição Nacional de Pernambuco, sobre a Civilização do Nordeste, é um requisitório serrado contra as teorias derrotistas dos máus sociólogos. E' o verdadeiro nordeste “sem os resíduos de um freudismo, que vai buscar, no sensualismo das senzalas as nascentes de uma civilização (1)”.

Como todo trabalho de larga envergadura, “Civilização do Nordeste” tem os seus pontos dos quais podemos discordar ou mesmo não aceitar, uma coisa porém resalta: é a fé absoluta do autor no destino civilizador do Nordeste como estrutura nacional, e o seu corajoso intento de se atacar aos tabus da nova sociologia, sem o receio das críticas das “torres de marfim”... .

Muito interessantes são as suas observações quanto à nossa formação racial, no tocante ao português e em relação aos criminosos desterrados para o Brasil, em virtude da qual certos autores quizeram nos atribuir inferioridade:

“Lê-se, é bem verdade, em alguns dos historiadores da formação do Brasil, que os portugueses chegados até nós para o povoamento do país foram elementos que hoje chamaríamos de indesejáveis; detritos humanos que s Indias e a África recambiaram á metrópole; fadistas e rameiras; fidalgos arruinados e sem escrúpulos em busca de ouro para a restauração dos seus braços, a escumalha, enfim, da população do Reino de Portugal e Algarves. Mas o que as crónicas e os próprios atos oficiais do tempo tornam patente, é que as levas de degredados, de gente falida em todos os sentidos, não chegaram ao Brasil senão quando os primeiros habitantes aqui nascidos da ligação do elemento indígena com o insavor já haviam atingido a maior idade, e, pois, iniciada a formação regular dos nossos núcleos de população.

Ao contrário, o que documentos de irrecusável autenticidade nos levam a crer é que para o Brasil vieram e aqui se fixaram famílias das mais ilustres da Europa. E' o que nos informa Domingos Loreto no seu *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco*, citando entre os primeiros povoadores do Nordeste, elementos representativos das mais nobres casas da Itália, França e Castela.”

As observações de Agripino Nazaré são muito judiciosas quanto aos primeiros imigrados para o Brasil, que não foram sinão, homens de elevada cultura, punidor, e da absoluta confiança dos reis de Portugal. Não se admitiria que um país colonizador por exclência como Portugal, mandasse a escoria de sua finança para estabelecer os seus empórios além mar, e confiasse a criminosos contra a economia pública ou a inimigos do regime, as suas ricas colônias.

Quanto aos degredados que para cá vieram não tem a importância, como bem o afirma Agripino Nazaré, nem o vulto, nem o sentido pejorativo dos apressados historiadores. A pena de degredo, ou afastamento da

merópole, era comumente aplicada aos criminosos políticos, contra aqueles que atentavam contra a segurança do regime, contra a vida do monarca ou a do primeiro ministro. Geralmente os criminosos vulgares, os cabeças de rebeldias expiravam no patíbulo.

Quasi sempre os degredados eram homens públicos caídos no desagrado do monarca, intelectuais transviados em desacordo com os tabus do tempo, liberais revoltados, todavia nunca barbares assassinos, vampiros ou blasfemadores, estes em auto-de-fé eram expurgados da face da terra.

Os degredados de Portugal do 16º século assemelhavam-se aos banidos de Atenas do Vº século A. C.

O degrêdo era uma medida de segurança do Estado contra os inimigos do regime e não uma punição contra criminosos em direito cível; para estes a lei castigava pelo encarceramento, pelo patíbulo ou entregando-os ás galés.

Desta contribuição de revoltados, de inquietos, de sedentos de justiça, devemos em grande parte as aspirações libertárias e as primeiras revoluções liberais do Brasil colónia.

UM NOVO LIVRO DE JORGE RAMOS

De JORGE RAMOS, nosso colaborador, acaba de aparecer “A Mitologia ariana e o placiato judaico”, obra dum estudioso e destinada aos estudiosos — para professores e estudantes, intelectuais e pensadores. E' um trabalho formidável de argumentação crítica que levou dois anos a preparar, requerendo um esforço exaustivo para acumular a considerável documentação de mais de quinhentas obras em italiano, alemão, grego, holandês, francês, sueco, inglês, espanhol, etc., etc. sobre historia, latinidade, germanismo, problemas de raças, etnologia, estudos antropológicos, etc. O livro oferece a curiosidade de estar repleto de indicações utilíssimas sobre tudo o que se tem escrito sobre as origens da raça ariana e sobre a vida dos judeus. E' um documentário colossal COM REVELAÇÕES e onde se apontam pela primeira vez, fatos misteriosos de enorme valor histórico. E' um profundo trabalho filológico riquíssimo de notas etnológicas e com estudo sério e muito completo da história de todas as raças semíticas e de todas as raças arianas, com apontamentos sobre as mais antigas religiões do mundo, mitologia persa e hindu, ensaios sobre brahamanismo e budismo, historia da mitologia escandinava, etc., etc. O volume é enriquecido com documentos inéditos sobre a vida primitiva dos povos do Oriente e descreve com larga soma de pormenores as tradições, os cultos e os mitos dos eslavos. E' estudada amplamente a influencia da infiltração judaica na história da Grécia e de Roma e descrevem-se costumes pitorescos, tradições desconhecidas, episódios que ligam a História de todos os povos antigos á mitologia ariana. E' ainda um estudo sobre a Civilização e sobre a Raça Branca focando a luta eterna entre o Ocidente e o Oriente, entre a Europa cristianizada e o asiatismo imperialista, entre o espírito católico e as ideias racistas, entre o mundo latino e o universo judaico.

O volume é prefaciado por um lente da Universidade de Coimbra e notabilíssimo polígrafo.

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — Chiado, Lisboa.
Preço do livro — 5 Escudos.

(1) — Prof. Agamenon Magalhães. “Civilização do Nordeste”. Folha da Manhã de 7-2-940. Edição das 16 horas.

ALDOUS HUXLEY E ERICO VERISSIMO

Um românce psicológico, tonalidades claro-escu-
ras da vida animal, mostruário dos vícios e
das virtudes que formam o nosso espírito, livre da vitó-
ria cósmica sobre a natureza humana, isento da pre-
ocupação exclusiva de fotografar costumes esquesitos,
peculiares a uma determinada região do globo, um ro-
mânce assim, não pode ficar, absolutamente, situado no
tempo, nem limitado no espaço. Será um românce uni-
versal, e contemporâneo, sempre.

“Olhai os lírios do campo”, essa surpreendente fic-
ção real, pressente à literatura, do gaúcho que trocou
as bombachas de pampeiro pela pena de escritor, deixan-
os a certeza de que o Brasil também pode retratar, sob
técnica perfeita e habilidade emocional, as almas márti-
res e as vidas felizes, na harmonia universal da dor e
do prazer.

Depois de uma atenta e agradável leitura de “Con-
traponto”, 700 páginas de vida descritas pelo talento ro-
mancista de Aldous Huxley, reli, em estudo comparativo,
o melhor românce de Érico Verissimo.

Comparados e bem examinados os dois grandes ro-
mânces, cheguei a conclusão imparcial e satisfatória de
que o “prato da balança” pendia mais para o “Olhai os
lírios do campo”, a-pesar-de suas 400 páginas de me-
nos.

Sei que o “Contraponto” está atravessando sensa-
cionalmente as fronteiras de todos os países, arrancan-
do aplausos de todos os povos cultos para a grande ho-
menagem de admiração que está sendo prestada ao no-
tável romancista irlandês. Mas o românce de Érico Ve-
rissimo não o é inferior, em aspecto algum. Há nêle,
até mesmo, e modéstia à parte, qualidades que superam
às do romance estrangeiro. Alivia, por exemplo, vale,
por si só, a soma de todos os “torturados” de “Contra-

GOLPE DE VISTA SÔBRE RECIFE LITERÁRIO

AS EDITORAS E O PÚBLICO

Recife tem todas as possibilidades para ser um grande
centro literário.

Infelizmente, presenciamos um desasco pelas letras, que
leva ao desanimo o mais ardente rapaz da geração presente.

Mal levantam os olhos para o panorama literário, os
intelectuais pernambucanos procuram a atmosfera do sul.
Estarão sendo injustos com o meio ou será o meio injusto
com eles? Estamos diante da segunda pergunta. Si, por
um lado, há falta absoluta de público, por outro há falta de
editoras.

Já sabemos que o nosso público vai se afastando das
lettras. Influências do rádio, do cinema, do jornal — fatô-
res vistos por Duhamel na França.

Entretanto, pensamos que uma séria propaganda o le-
varia a voltar os olhos para a vida literária da cidade. É
lamentável a atitude das nossas editoras, completamente afas-
tadas de uma orientação técnica e ao mesmo tempo crítica,
no que diz respeito à publicação de livros. O fato é que ne-
nhum autor quer entregar originais a editora nossa. Porque

GUERRA DE HOLANDA

(para “RENOVAÇÃO”)

ponto”. E’ a figura mais impressionante e discutível
que já encontrei em romance de qualquer língua. Eu-
gênio com aquele seu profundamente real e humano
“complexo de inferioridade” domina Ollidge; dr. Felipe
obsediado pela construção do “Megatério” excede ao
velho Lord Edward em suas científicas experiências, de-
formando batráquios; o contraditório (coração de abê-
lha, lábios de maribondo) o paradoxal dr. Seixas não
vive nas páginas de Huxley.

Lembrar-me-ão, talvez: e Marjorie? e Walter? e
Webley e Lucy?...

Responderei, com outras interrogações: e Eunice?
e o “dr.” Florismal, “um dos Doze Pares de França”?
E o pintor Túlio Altamira, justificando sua ignorância
dos mestres clássicos com uma atitude revolucionária
nos seus quadros? E o Castanho, o Acélio Castanho de
respiração clássica e gestos didáticos? Convoquemos,
na memória, uma reunião em que compareçam todos os
personagens de “Contraponto” e de “Olhai os lírios do
campo”, e vejamos a quem cabe o “superavit” de gló-
rias, quem foi mais perito, mais técnico, mais vigoroso,
na fixação de personalidades.

Si Aldous foi mais “profundo” em “Contraponto”,
Érico, em “Olhai os lírios do campo”, venceu-o pelo
sentido de humanidade que deixou em sua obra. “Con-
traponto” e “Olhai os lírios do campo” são, incontes-
tavelmente, dois grandes românces; duas obras de arte
em eleição. São rivais pela igualdade de votos. Eu,
porém, confesso, de público, que voto no livro de Éri-
co Verissimo.

os livros aqui publicados estão *condenados ao esquecimento*.
Faltam-lhes elementos necessários para o exito. Não atra-
vessam as fronteiras e, muitas vezes, aqui morrem, desco-
nhecidos...

Um exemplo edificante está diante de nós: é o da Edi-
tora Globo, de Porto Alegre. Enquanto alguns dos nossos
escritores continuam injustamente apagados, os nomes dos
intelectuais gaúchos atravessam as distâncias do Brasil e são
discutidos e admirados. Sem falar nos romances de Veris-
sim (que se recomendam pelo seu valor incontestável) ci-
tariam os livros de Viana Moog, Reinaldo Moura, Manoel-
lito de Ornelas e outros, enfeitando as nossas livrarias, com
uma feição técnica admirável, além de uma justa propaganda.

É o caso, também, de apelarmos para as nossas editoras.
Que elas se movimentem, encarando o problema, não só
pelo lado crítico editando livros de real valor) como pelo
lado técnico, dando-lhes feição original e moderna — assim
como uma regular propaganda.

Naturalmente, os livros aqui publicados serão conheci-
dos no Brasil inteiro. E Recife, por si mesmo se afirmará
— não há dúvida — como um dos mais adiantados meios
literários do Brasil.

C. F.

Os Gabinetes Portugueses de Leitura

Por MENDES LEAL

SOB êste modesto e despretencioso título, tem os nesses compatriotas fundado e desenvolvido nas províncias do imperio, — nas principais senão em todas, — verdadeiros estabelecimentos de instrução, cuja importância de dia para dia se torna mais considerável. O último relatório do gabinete português de leitura no Rio de Janeiro, primeiro instituído, ou um dos primeiros, chamou a atenção e os justos louvores da imprensa periódica do reino para o vulto e grandeza dos resultados obtidos.

Alguns destes gabinetes, e naturalmente á frente o da capital, podem já reputar-se outras tantas bibliotecas populares. Outros hão de sê-lo em breve, e nesse caminho vão. O amor das letras, o zélo e a perseverança conseguiram em pouco tempo levar aqueles gremios singelos á categoria duma nobre e útil instituição, já largamente dotada, suficiente, vigorosa e largamente ramificada.

A propaganda da instrução por meio de bibliotecas populares tem merecido, e cada vez mais está merecendo a solicitude dos governos. Tal se reputa hoje a sua influência e valia, que a assembléa francesa, no meio das múltiplas preocupações da reorganização política, financeira e econômica em que se tem ocupado (**após a desastrosa guerra de 1870**), não esqueceu esses depósitos destinados a arquivar e repartir o saber, — fôcos de luzes que importa semear cada vez mais bastos na densidão ainda grande das trevas humanas.

Nenhum homem se torna hoje distinto e superior se não concentrando mais particularmente os seus estudos numa determinada secção dos conhecimentos humanos, embora procure enriquecer o espírito com a maior copia deles. O mesmo em qualquer classe, em qualquer cidade, em qualquer região. Não se formam aptidões notáveis, não frutificam as vocações, não se exploram e utilizam cabalmente as regiões, senão especializando. E' ainda ao grande princípio da divisão do trabalho.

No meio das comoções mais violentas, preocupa seriamente a França o cuidado de remover para Nancy ou para Rouen as Faculdades de Strasbourg, (naquela data território prussiano). A conservação daquelas Faculdades andam ligados os interesses duma instrução profissional e regional que era para a nação francesa fundamento de prosperidade e razão de influência.

Estas experiências devem ensinar. As questões relativas á instrução são em toda a parte as principais, porque delas derivam as outras. A cabeça dirige o braço.

Os esclarecidos corpos gerentes dos "gabinetes de leitura" já de certo haverão reconhecido a necessidade de sistematizar as suas respectivas coleções.

Sobre os Gabinetes Portugueses de Leitura no Brasil, escrevia o sr Mendes Leal em 1871, na revista "AMERICA", de Lisboa, um longo e curioso artigo, do qual transcrevemos algumas passagens que, pelo sabor objetivo das sugestões, sôbremodo o atualisam, numa época em que a questão das bibliotecas populares está na ordem do dia.

Si a indústria, o comércio, a agricultura, — ou antes, si as indústrias comercial e agrícola constituem geralmente a ocupação e a profissão dos associados, frequentadores de tais estabelecimentos, convenientíssimo é a êstes associados achar ali as obras especiais desses ramos, que tem, como todos os outros, além da sua prática, a sua ciência. Si no comércio e na agricultura residem as forças vivas do país onde aquelas associações forem instauradas, razão maior para dar preferência aos livros concernentes ás indústrias nativas.

Enão se receie que tal método cerceie ou restrinja a importância literária e a área instrutiva daqueles institutos. Não consente a ilustração do nosso tempo confinar o comércio nessa espécie de limbo, a que parecem condená-lo espíritos obcecados ou pertinazes. A história do comércio corre paralela á história da civilização.

Há ainda quem diga que para a vida comercial basta um pouco de sagacidade; há mais quem pense que o essencial é muito de fortuna. Tão desarrazoados preconceitos dão involuntariamente á astúcia e ao azar o que pertence á probidade e á inteligência, colunas da sociedade. E' útil a perspicacia bem conduzida; tem a sorte as suas cegueiras. As mais das vezes, porém, a inveja chama ao acerto acaso, a dissimulação chama ao vínculo infelicidade.

A bem entendida prática do comércio não pára na escrituração e contabilidade; tem por utilíssimos, em muitos casos por indispensáveis auxiliares, a história natural, a geografia a economia política, os anais industriais, etc. Para avaliar a conveniência, a intimidade de relações do comércio com a mais alta instrução, não é preciso mais do que observar o papel que elle desempenha no meio das produções para as quais tão ativamente hoje cooperam os institutos científicos.

A agricultura é também, por si mesmo, não só uma indústria, ou antes um agregado de indústrias, mas uma verdadeira ciência, ou um conjunto de ciências.

Não contando a literatura nas suas diversas ramificações e a história nas suas consideraveis variedades, o quadro bibliográfico dos "gabinetes de leitura" ainda quando subordinado ao método da especialização, fica tendo vastidão e amplitude suficiente para contentar as mas sedentas aspirações, para entreter muitos anos a mais impaciente atividade.

O passado de tais estabelecimento é um nobre exemplo. O futuro será na razão do sistema que adotarem. A sua ação e influência é das mais salutares e beneficas. Aqueles que fundaram e sustentam glorificam a pátria e servem a civilização.

O Sentido Nacionalista da Obra Alencariana



Mário Pessôa

(Para "Renovação")

gem brasileira surgiu o estilo, aquilo que literariamente iria individualizá-lo para sempre! Os períodos initaveis de "Iracema" foram a resultante dessa intensa elaboração espiritual. Alencar nasceu com o espirito da terra. Para amar o Brasil não precisou cursar moral e civismo. O seu poder visual para as cousas que nos diziam respeito era extraordinario. Possuia, se quisermos repetir batidissima imagem, o "olhar de lince", no que se refere ao panorama que se lhe desenhava á vista. Não era apenas poder visual: acrescia a essa poderosa vantagem a sua inexaurivel fonte de emoções, que soube sentir e transmitir como poucos.

Há muita movimentação nos diálogos dos seus romances, se bem que, ás vezes, os seus personagens assumem certos ares doutourais e sentenciosos, que lhes prejudicam um pouco a naturalidade. Não se pôde, por outro lado, negar que esse homem obtivera o segredo do exito nas obras de ficção. O enredo interessa e algumas das situações criadas por ele são lembradas enquanto existir sobre o globo a região brasileira. Todos os povos tiveram a sua pagina de legenda. Em todas as histórias, há um prelúdio obscuro, donde, a todo momento, está surgindo um Guilherme Tell...

O Brasil necessitava tambem dessas lendas que acrescentam à verdade um perfume de fantasia, de que se alimentam muitos patriotismos... Alencar creou alguns tipos mitológicos à nossa maneira. "O Guarany" fez mais pelo Brasil que os discursos de muitos patriarcas. Alencar é o nosso grande paisagista, o pintor admirável dos temporais, o genio do pinturesco. O leitor encontra em cada periodo uma nova surpresa para a sua inteligência. Subtaneo, possuidor de grande intuição naturista, imaginação bizarra, o autor de "Minas de Prata" realçava sobretudo no meio da selva, em face dos quadros imensos, limitados por horizontes infindos...

Como Raul Pompéa, ele talvez sentisse vertigens ao contemplar um pôr-de-sol em nosso hemisferio... A sua grande obra é justamente aquela que mais o poderia recomendar ao nosso carinho: o romance de fundo nacional, a obra em que tratou do homem côr de cobre... Ele dominou o meio pela força incomensuravel do seu talento, que, produzindo obra por assim dizer inedita em nosso continente, obrigou todos a reverenciá-lo. Mais tarde, ensaiou com outros gêneros, nos quais teve apenas a perder o seu engenho: "Senhora", "Cinco Minutos", "Diva", "Viuvinha", "Luciola", etc. são livros que não parece saídos da inteligencia que lançou ao mundo "Iracema"...

ACAPACIDADE para os trabalhos de ficção revela-a o romancista nos primeiros tempos de estudante, se bem que a sua passagem pelos bancos escolares não tenha sido das mais brilhantes. Com extraordinária força de vontade soube guardar consigo os impetos duma imaginação cheia das mais poéticas fantasias e pode-se afirmar que o estudo severo dos clássicos, a que se dedicou, mormente no mosteiro de S. Bento em Olinda, nada mais fez que espicaçar-lhe a curiosidade. Tudo que pudesse revelar um novo aspecto do nosso Brasil tinha para esse homem interesse todo especial. Queria saborear o que se havia escrito sobre a nossa Pátria e deu-se de corpo e alma á leitura dos nossos primeiros cronistas, onde a sua imaginação se foi embeber de assuntos que diziam respeito ás primitivas fontes da nacionalidade. As idéas lhe tumultuavam, prontas a sair. Faltava-lhe, porém, as roupagens necessárias. Leu, por isso, com sincera admiração, Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre, Walter Scott, Fenimore Cooper, George Sand, etc. Desse trabalho acurado, da sua maneira particularissima de sentir os fenômenos da vida, da observação carinhosa da paisa-

O psicólogo recuava face a face do panteista, o que leva a pensar na antinomia dessas duas grandes forças das obras d'arte... Em Alencar, o homem continua a ser o "átomo perdido numa dobra do infinito", imagem de que se utiliza quando nos fala dos pampas, e que tem um sabor bem acentuado do nosso Castro Alves. A natureza é tudo. Justamente o contrário do mestre Machado de Assis para quem o homem figura em primeiro plano.

Desejando ser jornalista, Alencar não se lembrou que o seu gênio acentuadamente poético, transigia com a sociedade, da qual inicialmente se afastaria. E' dessa época, mais ou menos pelo ano de 1856, que o público vai ditar-lhe outras produções, nas quais se incluem as fatais peças de teatro, o mais difícil talvez dos gêneros literários.

Procurando satisfazer aos ideais das turbas, Alencar ensaia o teatro, escrevendo "Azas de um Anjo", "Crédito", "Expiação", "Verso e Reverso", etc. E' o teatro de Dumas, Augier e Feuillet que o inspira nessa fase de subordinação ao gosto popular. Nesse ponto ele se nos apresenta evidentemente inferior. A vida do palco, a fase é de Araripe, põe em derrota todos os fulgores da sua fantasia.

O problema de amparo á perdida, que deseja voltar ao campo da virtude, abordado em "Azas de um Anjo", hodiernamente já vai sendo melhor resolvido. Há muito artifício nesse trabalho.

No teatro, Alencar se encontrava diante da realidade e o seu estilo amesquinhava-se á falta de ambiente. Fracassou.

O jornalismo, o teatro, e a política-partidária, essa tristíssima política-partidária, foram os lamentaveis transtornos duma brilhante carreira artística. Tudo que exigisse do homem observação direta, experiência, era fadado a fracassar nas mãos que pareciam impulsionadas por algum poder estranho.

A estesia havia de dominá-lo nos melhores períodos de sua vida. Fóra daí, o desconcerto era infalível...

Alencar seria, possivelmente, o melhor pintor da época da galanteria. O minuete deveria ser-lhe a dansa preferida. Incoercível a sua tendência para a fina espiritualidade. Não era apenas um produto de cultura, mas exigência da sua natureza insubmissa e de uma delicadeza moral a toda a prova.

Os seus livros, pelo maravilhoso da criação, faz-nos crer na existência de um outro mundo e produz a sensação particularíssima que nos oferecem as bôas ilusões.

A obra alencariana é vasta. Ensaiou vários gêneros. E, porém, como romancista que ele se distingue em nossa literatura. Até os nossos dias Alencar e Machado são os dois maiores romancistas brasileiros. Possuidor de estilo inegualável. Machado mais perfeito, Alencar mais brilhante, de inspiração cálida e afetuosa, psicólogo arguto, excelente fixador de costumes, vernalista. A obra mais saturada da maneira alencariana é "Iracema", inexaurível fonte de ternura tropical, no qual se fala na "ará" e nos "seus verdes tristes olhos".

O "Guarany" segue-se em importância e finalmente "Ubirajá", espécie de complemento de "Iracema". "As Minas de Prata" é livre muito recomendado pela movimentação e sobretudo pelos conhecimentos da língua portuguesa, que o autor revela, no primeiro capítulo escrito à pura maneira seiscentista. "O Gaúcho" é a prova de que a imaginação às vezes substitue per-

feitamente a visão. Sem ter ido ao Rio Grande do Sul, Alencar descreve-nos com precisão a vastidão dos pampas e o profundo silêncio daqueles pagos desertos. Os romances e novelas citadinos que escreveu não se nivelam aos já referidos. Alencar é antes de tudo o sertanista. "Diva", "Luciola", "A Pata da Gazela", são produções extra-alencarianas. Como sentimentalista, não poderia ser o grande orador das frases retumbantes que antes se alimentam das paixões. O sentimento é cismático; exige calma e digamos mesmo algo de meditação e recolhimento. Alencar não correspondeu ao romancista, na mais difícil das artes, no dizer de Latino Coelho, a oratória. Só algum tempo depois é que realizou alguns discursos dignos de apreciação. Ele foi o grande sentimentalista da paisagem e das lendas. Tudo que denotasse colaboração profana do homem lhe era estranho...

A influência de Alencar no desenvolvimento da prosa brasileira é bem significativa. Os seus livros, de tanto lidos e sentidos, se encorporam ao subconsciente do nosso povo e por vários decenios muitos ouvirão, como se fosse melodia antiga, os períodos iniciais da "Iracema", em que se lê amorável salmódia aos "verdes mares bravios da minha terra natal".

Alencar foi estudado, atenciosamente, por Araripe Junior. Esse crítico cearense lhe dedicou profunda admiração. À parte algumas omissões, o seu trabalho sobre o nosso romancista é apreciável sob vários aspectos, máu grado a flagrante impureza sintática. Araripe Junior procurou orientar os seus estudos, no Brasil, pelos processos de Hypolito Taine, esse mestre intelectual de duas gerações francesas, na exata expressão de André Chevrillon, em sua obra "Taine, Formation de Sa Pensée".

Não há, porém, em Araripe a filosofia pura do modelc, se bem que lhe não desprezasse a conhecida sentença "Les oeuvres d'esprit n'ont pas l'esprit seul pour père" (Nouveaux Essais de Critique et d'Histoire).

Assim, procura situar as causas, os fatos humanos, as circunstâncias, que influiram a obra alencariana. Até as perturbações de ordem política são citadas para legitimar certo declínio no sentimento artístico.

Na verdade, o idealismo do grande paisagista se transmudou, em sequência final, naquele agudo pessimismo que se nota em "Til".

Acusando Alencar de procurar soluções fáceis nas últimas páginas dos seus livros, esquece Araripe de aludir que isso seria talvez motivado pelo cansaço da sua aguda emotividade. Mas, não podemos deixar de concordar que esse imaginoso não era realmente profundo nas idéias, mas um grande sonhador, um personagem esquivo e lendário do nosso El-dorado...

O contraste em Alencar é, antes de tudo, traço de caráter romântico e a ausência de todo e qualquer cerebralismo em sua obra. Livros que têm o cheiro e o gosto do mato verde e a frescura das águas claras...

"O Tronco do Ipé", "Sonhos de Ouro", "O Sertanejo" são outros romances dignos de leitura, no meio de algumas obras primas.

Tal o homem que, nascendo no dia 1.º de maio de 1829, em Macejana, Ceará, apenas conseguiu atingir 48 anos, quasi todos vividos num exaustivo trabalho intelectual e cuja morte não foi lá das mais sentidas. O Brasil de então não pôde compreender perda tão irreparável e muitos que julgavam, à maneira de José Ve-

(Continua na página 33)

CORPORATIVISMO

Por Jorge Abrantes

Eduardo Aunós, ex-ministro do Trabalho hespanhol, tem, no seu livro "La reforma corporativa del Estado", uma frase que explica a persistência do fenômeno corporativo através dos tempos e seu resurgimento na época moderna, mau grado todas as tentativas para esmagá-lo: "La tendencia a asociarse para los fines colectivos es de tal modo inherent a la naturaleza humana, que desarrigala resultó empresa de todo estéril." (1)

O fato da associação é universal e começa a observar-se no próprio reino animal. Vemos, aí, seres dos mais atraídos da escala zoologica que se reunem em colonias **gregaloides**, em verdadeiros organismos distintos do seu próprio e tão irresistível é a necessidade da vida em conjunto que não podem voltar a viver isoladamente. A existência de varias espécies animais, mesmo bravias, em grupos homogêneos e solidários; a simbiose, no reino vegetal e, de certo modo o **parasitismo**, nos dois reinos, são exemplos provando o fato da aproximação dos seres, da conjugação de esforços, toda vez que a realização de uma tarefa transcende a capacidade individual, toda vez que há uma identidade de fins a perseguir e dificuldades a eliminar.

Isto se dá no mundo dos seres irracionais. O que não dizer do mesmo imperativo entre os homens, dotados por Deus de inteligência para melhor promoverem o seu desenvolvimento e caminharem para os seus altos destinos? A filosofia individualista não poderia mesmo subsistir...

A sociedade humana, efectivamente, não se compõe de meros atomos-individuos apenas ligados entre si pela ridícula força de coesão do contrato inventado pela fertil imaginação judaica de Jean-Jacques Rousseau. Ela se compõe de grupos naturais formados de acordo com as diferentes necessidades e funções sociais e humanas. O sistema e a doutrina da sociedade organizada nesses moldes é o corporativismo.

Esses grupos são, em sua expressão mais larga, as **corporações**. Há corporações tão vigorosas em suas manifestações de vida que nunca, em tempo algum deixaram de existir, mesmo na vigência do regime liberal individualista, tais o exercito, as igrejas, as universidades, (2). As corporações economicas foram as que mais sofreram os males da revolução individualista e durante muito tempo tiveram em eclipse total.

A tradição corporativa é multisecular. O escriptor Theodore E. Burton, no livro "Corporations and the State", depois de averiguar a existência de organizações econômicas em Tiro e associações de vária especie na Grecia, afirma que a idéa de corporação como unidade distinta dos membros que a compõem surgiu, pela primeira vez, em Roma. E nos dá conta do caráter e desenvolvimento histórico desse incipiente **corporativismo** romano. Diz que o germem das corporações foram os **collegia** romanos que, sob certos aspectos, assemelhavam-se aos organismos econômicos da Europa medieval. Acerca da origem dos **collegia** nada se sabe, apesar do

muito que se tem escrito sobre o assunto. "A primeira forma de associação — continua aquele autor, traduzido aqui um pouco livremente — foram as formações étnicas da sociedade — as famílias, gens, clans e tribus. Para promover os meios de administração com relação ás novas condições de vida, era necessário formar outros grupos baseados na circunstância de localidade, ocupação e outros critérios de união. Salon, em Athenas e Numa, em Roma criaram, assim, novas divisões da sociedade. Diz-se que o último estabeleceu nove associações de artezões em Roma. São os primeiros **collegia** de que há memória: No inicio da Republica as corporações romanas foram numerosas e desempenharam papel bastante saliente na organização política e social. Eram de natureza muito variada. Algumas eram públicas, outras semi-públicas e outras estritamente privadas. Cuidavam de religião, política, economia e até diversões. Com o correr dos tempos, certos deveres lhes raltéoinae Izas" thslimentaçao kientação r drd lrld udluo foram impostos, como o pagamento de taxas e a prestação de serviços ao Estado. No fim da República, foram submetidas a rigorosa regulamentação pelo Estado, pois temia-se que se tornassem fonte de perturbação social. Cerca de 64 antes de Cristo, o Senado decretou supressão dos **collegia** de existência ilegal. Clogio, seis anos depois, fez o possível para anular essa decisão e incrementar o crescimento dos **collegia**. Uma das razões da atitude do Senado foi a suspeição de que os **collegia** tinham cumplicidade na conspiração de Catilina. Julio Cesar serviu-se dêles no período eleitoral mas quando assumiu as responsabilidades de ditador, baixou um decreto suprimindo os de existência ilegal e reduzindo muito o numero dos demais.

No tempo de Augusto foram rigorosamente controlados e nenhum podia ser criado sem o consentimento imperial." (op-cit.) (3).

E' interessante notar — diz ainda Burton — a maneira como os **collegia** vieram a assumir a forma de entidades corporativas. A idéa original dos romanos era que a propriedade do Estado, ou de cada cidade (**municipium**) era propriedade de ninguém, mais isto tornou-se extremamente inconveniente e daí surgiu o conceito de municipalidade como pessoa jurídica. A municipalidade passou a ter existência como municipalidade, independente da dos seus membros. E o conceito de personalidade jurídica, primeiro aplicado á municipalidade, foi, em seguida, aplicado aos **collegia**." (4).

O grande período de desenvolvimento das corporações foi a Edade Média, em que havia uma concepção mais ou menos totalista da sociedade e do Estado. Floresceram na maior parte dos países europeus. Eram organismos fechados, exclusivos, constituindo verdadeiros privilegios de classe. Os membros dividiam-se hierarquicamente em **aprendizes**, **companheiros** e **mestres**. Para a conquista desse último grau era necessário a apresentação de uma **obra prima**. Cada corporação tinha seus estatutos próprios, seu santo padroeiro, sua caixa e sua bandeira.

E não convém dizer mais nada a seu respeito porque se trata de assunto muito conhecido e estudado.

As corporações chamaram-se em Portugal **mestres**, com forma característica e sofreram grande golpe durante o reinado de D. José I. Diz Porto Carreiro que a implantação das corporações de **mestres** foi tentada no Brasil pelo ouvidor-geral Cosme Rangel de Macedo

(Continua na página 30)

DE UM DIARIO DE POESIA

O espírito irônico e o espírito poético se repelem. A ironia é essencialmente racional. É mesmo o requinte do racional. Ora, o poeta é o tipo do que se deslumbra do que acredita em "mágicas".

Eça de Quesada tentou a poesia e só conseguiu pastichar lamentavelmente Baudelaire. Machado de Assis fez versos e foi um mau-poeta. Nada mais lógico, tratando-se de ironistas tão perfeitos, tão viscerais. Um poeta não pode ser isso que o mundo chama de "inteligente". Um poeta não é inteligente. Um poeta é um mágico. Um poeta não analisa o mundo, transfigura-o.

NADA tão instintivamente ridículo para um espírito cético, irônico, intelectual, do que o lugar-comum. Ora, Cocteau escreveu *Les mariés de la Tour Eiffel* empregando inúmeros lugares-comuns dos mais "jornalísticos" inteiramente rejuvenescidos pela poesia.

O poético e o racional são irreconciliáveis. Evidente, pois, o contrasenso de uma crítica poética que não seja de sugestões, isto é, uma crítica indireta".

ENQUANTO o espírito do mundo fôr um espírito burguês, a glória do poeta (como a do Santo em gráu, aliás, muito mais elevado) é um "zéro de comportamento".

A densidade do mistério e não a claréza do racional é que é a linguagem própria da poesia. O Salmista nos diz: "Eu canto o meu enigma ao som da harpa" e não: "Eu canto o meu silogismo ao som da harpa." E com êle todos os profetas que não falaram prosa, mas poesia, que não falaram claro, mas escuro.

"De um poeta não se diz que pergunta, nem que responde, nem que argumenta" (Paul Eluard).

O indizível e intenso lirismo do "máu-gosto": pinturas populares. Fotografias coloridas de "studios" de terceira ordem com marinheiros, soldados, criados, guardas-civis, jogadores de foot-ball. Cartões-postais com namorados se beijando sob uma moldura de violetas e miosotis. Caixas de passas. A recente obsessão dos surrealistas pelo rococó. "La beauté terrifiante et comestible de l'architecture modern Style" (Salvador Dali). Os "dessus de porte, peintures idiotas" de Rimbaud. O circo barato. O realejo dos carrosséis. As valsas de suburbio. O crômo. A decalcomia. Os daguerreótipos. Os velhos albuns de família. Os caractéres e vinhéitas das tipografias antigas. O "almanaque de lembranças Luso-Brasileiro"...



WILLY LEWIN.

3

POEMAS DE

Antonio Rangel Bandeira

(para "RENOVAÇÃO")

LIRISMO VIOLENTISSIMO

O lirismo chegou de repente
O contra-regra nem pôde ter um gesto de piedade
O ponto nem pôde fazer um único sinal.
Então os personagens desceram do palco
Assassinaram o autor
Que estava sentado na primeira fila da platéia.
Fugiram
E confundiram-se
No turbilhão da cidade.

POESIA

Poesia, minha amante
Porque tanta vegetação nos teus olhos?
És peixe donzela flôr
E a ti eu me ofereço
Sem as partes marcadas
Mas eu choro
Eu choro perdidamente.

TENDE PIEDADE DE MIM

Deixei em ti
As marcas o meu desespero pagão
Tende piedade de mim
Desequilibrado louco degradado e impuro
Oh! quanto indigno eu sou de ti
Cresce sobre mim a arvore da vida
E faz-me calmo e longe
Deste delírio
Pouza serenamente as tuas mãos no meu peito
E vela por mim
Até que a noite passe.



3
P O E M A S
D E
WILLY LEWIN.

Para "RENOVAÇÃO"

O POETA NA RUA

À hora em que todos dormem
 O poeta volta da rua.
 Seu rosto ilumina o quarto
 Pois guarda um beijo da lua.

Apesar disso, os seus dêdos
 Torcem o interruptor
 E outra luz mais violenta
 Irrompe como um clamôr.

Faz mal: a luz afugenta
 O enigma da noite morta
 E o Anjo da Poesia
 Escondido atrás da porta.

FUGA DA ESTATUA

Na brancura lunar – como leite ou cal –
 A praça está vasia, um carrilhão ressôa.
 A Estátua desperta, desce do pedestal
 E vendo que está só abre as asas e vôa...

M O T I V O

Numa rua banal,
 Á porta de uma alfaiataria,
 Um manequim vermelho —
 de repente! —

Insólito como a Poesia.

2
P O E M A S D E

Monteiro (V. do R.)

N U I T D E S A M B A

Etendu sur la terre, la main de la nuit
 lui serre la gorge.
 Le feu jaillit de la terre, la danse
 de son ardeur.
 Sur les cordes chaudes de sa guitare,
 il chante.
 Deux yeux de flamme, tantôt lune, tantôt soleil,
 desaltèrent sa bouche ardente.
 Un couteau que la jalouse aiguise
 trouve sa gaine.
 Etendu sur la terre, la main de la mort lui serre
 la gorge, la nuit lui ferme les yeux.

Paris, 1923

B L O N D E P L A T I N É E

La lune,
 ce phare extra-lucide,
 illuminait de ses rayons,
 platinés,
 le sable blond
 de la marée.

Recife, 1940

ENSINO ARTÍSTICO

Por Vicente do Rego Monteiro



RIUNDOS de uma civilização europeia, a-pesar-de independentes continuamente ligados aos progressos da civilização ocidental e consequentemente de sua cultura intelectual e artística, antiga e moderna.

A civilização nativa das Américas por toda a parte extinta ou estacionária, não nos fornece, em absoluto, um meio ou uma diretriz para dali construirmos nossa base ou mesmo adaptá-la em parte a nossa civilização em marcha.

O nosso problema de ensino artístico é um problema seríssimo, porque, a bem dizer, nada possuímos de organizado neste sentido.

Na França com sua bagagem artística milenar, com os seus monumentos históricos verdadeiras obras primas arquitetônicas, acessíveis ao turista como de convívio jornaleiro com o trabalhador rural, Georges Huisman, Diretor Geral das Belas-Artes, abordando a questão da reforma do ensino artístico em seu país, em 1938, reclamava: "Depois de havermos criado os museus para a burguesia, devemos criar os museus para o povo", isso bem entendido no ideal que: a Arte não é privilégio de uma sociedade ou de uma casta.

Georges Huisman constatou na França os malfeitos crescentes do sistema de centralização que priva os habitantes das grandes e das pequenas cidades da província dos meios de educar o gosto artístico. Si na França, na zona rural, para empregarmos uma imagem arbitrária, num raio de ação de cinco mil metros o indivíduo pode ser tocado pela graça da Arte voluntária ou involuntariamente, aqui em nosso país, podemos calcular em uns quinhentos mil metros este raio de ação para que o contacto se estabeleça, e, numa proporção muito inferior em qualidade, e limitada a um só período: Barroco colonial.

O que diremos do nosso sistema centralizador de educação artística que é a Escola de Belas-Artes que Dom João VI criou quando de sua estada no Brasil, mandando vir da Europa célebres professores e criando também o Museu da Escola. Si a Capital mal pos-

sue um aparelhamento suficiente para as suas necessidades, como exigir mais dos governos dos Estados?

É bem verdade que o Estado de São Paulo possui um bom museu e um Departamento municipal de cultura que prestará num futuro próximo grandes serviços à nação, todavia, iniciativas como essas não são generalizadas.

Na Itália, na França, na Alemanha, procuram atrair aos museus o povo por meio de visitas agradáveis e acompanhadas de conferências sobre as obras de arte dos grandes mestres do passado e contemporâneos, tornando-os acessíveis ao grande público.

O nosso caso é muito simples, não possuindo museus, temos que criá-los. Criar Museus Populares para o ensino artístico, como multiplicar Bibliotecas Populares para o ensino primário, secundário e superior das letras.

Sem os museus nada teremos feito. Do que nos valerá a alfabetização do povo si não podemos saciá-lo com a boa leitura? Do mesmo modo não devemos despertar a curiosidade do belo si não podemos saciá-lo com as obras de arte.

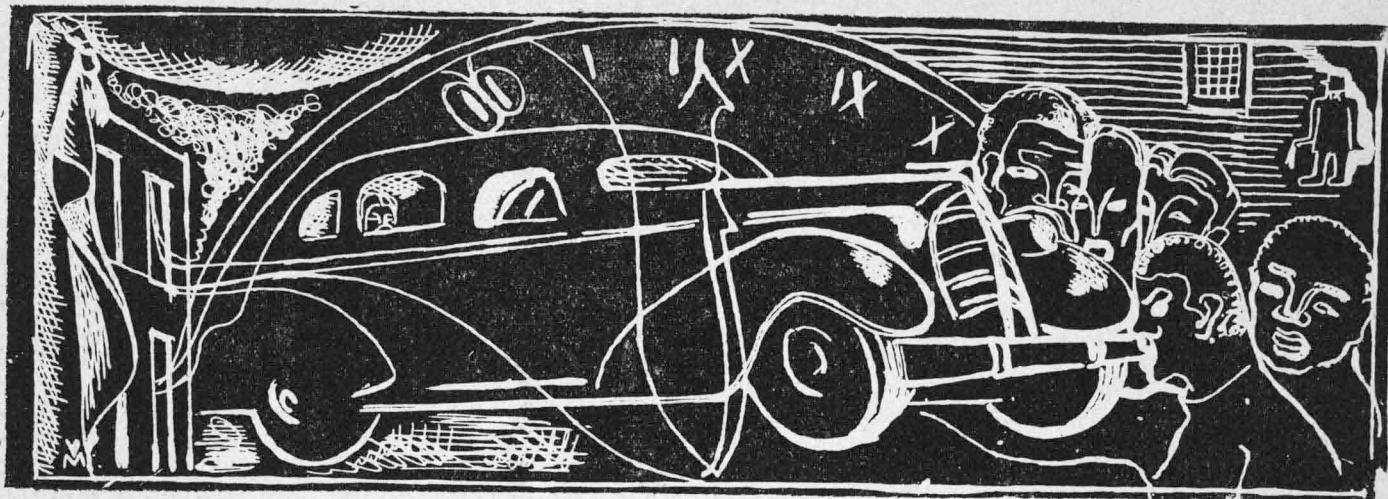
Os americanos do norte já há muito vêm cogitando deste serio problema, importando da Europa para os seus museus obras de arte dos grandes mestres antigos e modernos. Certas obras de arte impossíveis de serem adquiridas nos originais, eles contentam-se com as boas cópias garantidas fieis pelo seus técnicos, mesmo porque seria impossível dividir equitativamente entre todos os museus dos Estados Unidos a obra de um grande pintor primitivo.

Este é o sistema que devemos adotar. Não possuindo o poder aquisitivo dos nossos amigos do norte, devemos nos conformar com as boas cópias das obras dos mestres da antiguidade e adquirir enquanto é tempo as dos vivos não muito valorizadas e assim teremos feito obra inteligente e útil. No setor da escultura e arquitetura muito mais fácil se torna a aquisição de boas moldagens sem o perigo das falsificações.

Numa época em que os peritos são enganados muitas das vezes, é mais interessante para um governo modesto e interessado no progresso de seus filhos, adquirir cópias garantidas fieis, do que originais sem garantia de autenticidade ou obras autênticas por preços proibitivos.

O Museu para o ensino artístico é o começo e o fim porque melhor do que os mestres e os técnicos são as suas obras, como bem dizia Renoir: "para o artista não há melhor ensinamento que os museus", ali estão expostas as obras dos grandes mestres com todas as suas lições, sem os subterfugios dos pequenos interesses contingentes da vida humana.

Devemos cuidar em larga escala do ensino artístico para o povo — de outro modo estaremos fundando escolas de mandarins para em seguida jogá-los à margem da sociedade como párias. Fora do plano inicial dos Museus Populares para o ensino artístico, todos os programas serão limitados à superfície, sem profundidade.



... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA - Copyright de RENOVAÇÃO

Os personagens e incidentes desta novela são puramente imaginários. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real será obra de mera coincidência.

1 A paisagem crestada treme e a faixa da estrada desaparece diante o 60 HP, desfaz-se nas curvas, encorta como se fôsse acabar de repente, mas abre-se as retas extensas do taboleiro. Os canaviais cortados, a chaminé da usina (onde estão os velhos engenhos dos grandes senhores?), a Nossa Senhora das Maravilhas mastigando trens inteiros de cana cortada, e a subida é barrenta, avermelhada, toda em ésse. Como será o hospital-colonia?

Antonio Dantas vê a constante da paisagem, mas o pensamento vaga. Deixou o S. H. M. como gosta de dizer para não espichar Serviço de Higiene Mental. As iniciais inspiram mistério, velam a frase e transborda a magia, voltemos ao medicine-man, não amigo vamos direto.

Corro em terceira velocidade, corro atraç do hospital que espera o descobridor, lembro meu pai, recordo os antepassados navegadores, e sempre a delicia do inédito que me espera. Meu romantico — foi assim que me despediu o Mestre. Ora, não há propriamente sinão a busca do novo. Deixa-se a chefia do I. P., e o Instituto de Psicotécnica passa ao mesmo divisor comum do S. H. M. Sempre inicias, como submergeveis, e se assim o querem juntam o número necessário a associar melhor a espiã fuzilada justamente quando o tenente se apaixona. Deixa-se cada vez mais distante a cidade abandonada e cada pulsão a quantas revoluções não deverá corresponder na intimidade dos cilindros do bólido? Quantos nós de distancia o separa já do destino? (Porque pensei "nós" e não as medidas usuais da estrada: leguas, quilometros, milhas, braças?) Oh mari-

nheiro eterno que governas meus passos, que farias a estas horas no seculo XVI? Estarias num buque espanhol em mares tormentosos, ou em cruzeiros em mares chinezes, comerciando com mandarins muito ilustres e amando o Cristo no céu de deuses amarelos e de dragões vermelhos?

Mas a tarde funde-se com a noite e os lampeões aparecem lá longe, crescem obliquos em vertigem, e perdem-se para traz como uma estrela que corre na noite. Olho as estrelas que agora reluzem e si fôsse mesmo o navegador, que gosto seria cuidar do rumo lendo aos astros a derrota? Os ponteiros do mostrador luminoso marcam o tempo, mas teria decerto uma bússola, e como desliza nos super-balloons o roadster lançado na estrada... Mais meia hora, não, uma hora decerto, e entrarei no centro urbano com todas as luzes acesas. Vamos devagar, irmão, com esta navegação. Agora já a estrada não é bem mais a estrada: é antes um mar tranquilo e o galeão está à mercê dos ventos. E' o mar nebuloso com as calmarias e o canto da sereia não deve tardar. Então terminará tudo, porque será o fim. Mas como se perde relação de espaço e dimensão deante o canto da mulher encantada do reino das águas! Façamos barulho com os instrumentos de bordo para que o marujo não escute a sedução.

O chauffeur balança o patrão e Antonio Dantas desperta. E' a barreira da chegada e inspectores de veiculos visam papeis e examinam a condução como si tivessem atingido um porto estranho, ou transpondendo fronteiras de países distintos em outros continentes.

2 Quando Antonio Dantas chegou à cidade nova, a noite que tinha baixado ainda na estrada cobriu os mocambos de palha e os meninos pálidos de bariga bojuda estavam sonhando. Por isso começou a vêr apenas o bairro operário que se segue iluminado, e a marcha da multidão de volta para casa, pátios de feira, cartaz de cinema, e bota-se abaixo o grande tronco de arvore que ainda resta da floresta desaparecida. Mas os soldados no quartel dão sentinelas, e aparecem os palacetes do bairro Sul, a grande praça e o competente hotel atulhado de gente que toma cerveja nas ter-

rasses e conversa com hábitos de vida de café. A cidade mostra-se assim de repente agradável, e o forasteiro à falta de recepção tenta usar o telefone. O secretário do superintendente que governa a companhia atende por fim no extremo do fio, mas retruca que o amigo não deve reparar; está com diarréa e procura palavras convencionais que possam excitar em bôa alocução vernacula o não se poder sair de casa com diarréa. Aparecem os indefectíveis três rapazes amigos de infância e ao grupo junta-se um político de vaidades comprometedoras. O bruto não resiste ao debique constante de terceto organizado, e o alienista por fim convence-se de que se trata dum oposicionista necessariamente agredido por profissionais contratados.

Mas a cidade resiste, tem encantos ocultos, e nem os três rapazes unidos, nem a diarréa do secretário do superintendente, nem o político duvidoso conseguem empanar o agrado ambiente.

Dorme teu sono oh estrangeiro, que o leito do hotel te embala e adormecerás mesmo com o pregão dos jornais. Nem é preciso dizer números nem palavras pronunciadas ao avesso. Os nomes dos dois jornais se repetirão especialmente para a hipnose provocada.

Mas o despertar foi radiosso e antes das medidas do mordomo já o apontavam a dedo: é o novo medico do hospital-colonia, vem endireitar a joça, vai ficar no lugar de Silvério Patriota que fugiu com a mulher do português da loteria. Antonio Dantas não sorriu de admiração, mas do gabinete do superintendente da Companhia Comercial Exploradora do Território veio a participação que seria recebido pelo grande chefe nesta mesma manhã. Entre os lindos jacarandás as necessidades comerciais da empresa colocaram armários de aço e arquivos metálicos inteiramente vasios. No próprio já esteve instalado outrora o governo da província e naquela época o clima era devéras duma casa de letrado. Mas o cheiro das barricas de bacalhau e dos sacos de cimento não deixa lugar para recordação.

— E' como lhe disse seu doutor. Não tenho confiança em nenhum deles. Nem no Patriota que fugiu com a mulher do português da loteria, nem no Silva de quem não gosto. E' meio amalucado. Tome conta do hospício que a companhia necessita dos seus serviços.

O superintendente, pensou Antonio Dantas, é burro mas bem intencionado. Depois verificou que ele era mais esperto, esperto assim como um rato. Olhou as flores no lindo parque defronte, através o quadrado da janela viu o gramado estenso por detrás do homem e chegou aos seus ouvidos uma zuada conhecida. Depois viu que era o mordomo da superintendencia, o mesmo mordomo do hotel. O creado grave entrou fazendo as mesmas medidas, executou umas novas, e saiu fazendo outras medidas. O hotel e o palácio tinham o mesmo mordomo. Que atributo mágico tinha ele, presente assim em dois lugares diferentes e distantes? Era um austriaco careca e de olhos de rato.

Depois o hospital. Viu numa fusão de cenas não a colonia mas um entulho de doidos urrando dentro de um curral. Um letreiro enorme cresceu: **E' proibida a entrada.** Mas pouco a pouco as rês não eram o gado urrando. Eram os loucos mesmo, e estavam nos grandes pátios, e ao que parece, disse um introdutor da comissão de Policia, cantam a Ópera. Logo mais chegou o seu futuro compatriota de trabalho. Esperava um velho cheio de velhice e vazio, assim ôco e por fóra doutrina, mas encontrou o rapaz esportivo, alto e muito vivo, cheio de

entusiasmo e sem ter quem acreditasse em si. Achavam que o deviam julgar pelo que ele fez quando era menino. Mas acontecia que por fenômeno inexplicável seu Pedro o via sempre de calças curtas. Ele protestava, mostrava-se crescido em longos relatórios, mas como o "super" não acreditava, os outros achavam que não deviam acreditar também. Então contava-se a história dum pintor que logrou toda a paroquia: ele recebeu a encomenda de pintar o retrato da Virgem, mas gastou o dinheiro e no dia aprazado o que sucedeu? no dia aprazado, estava com a tela em branco. Falou, pois, aos fieis: tinha tido uma inspiração divina e pintaria a obra com tintas especiais: só os virtuosos poderiam ver a santa. Todo mundo, que geito, admirou a beleza da tela. Assim era lá. Seu Pedro dizia que o via de calças curtas e todo o funcionário que se prezasse assim o devia ver também. E todo o mundo dizia amen.

O rapaz abriu-se para o alienista e contou as tristezas que eram todas alheias, e acabaram tão aproximados que fez um programa traçado com antecedência mudar o riscado. Tinham mandado buscar Antonio Dantas para chocar e os dois se davam bem? Ora esta! Então, como deve acontecer, começaram a encenar os dois: Então como é esse negocio de mandar buscar noutra província um médico para botar no seu lugar? Tomar o lugar duma pessoa que a gente conhece desde que nasceu? Onde vai parar isso? Daqui a pouco isso é dos estranhas! Chum, sei não... e outras coisas.

Mas tudo isso não era seguramente nada. Foi só o começo. Do outro lado faziam a mesma coisa com outras medidas. E assim foi se passando o tempo e os ponteiros dos relogios entraram em fusão com as palhetas dos ventiladores.

O calor escancarava os postigos e quando de volta passou pela rua uma placa assinalava a arteria: **Rua Direita.** Ele se virou quando o chamaram de lado. A janela aberta mostrava lá dentro Martins, seu velho amigo, e um senhor baixo, de óculos, em manga de camisa, com uma bruta cartucheira na cintura com revolver niquelado. Dantas foi apresentado: este aqui é o especialista, entende da coisa, ouviu?... Dantas gostou do camarada da cartucheira. Era um escritor e jornalista que fazia oposição à empresa. Via-se logo, prevenido assim... Viu logo, também, que a carreira de Martins não tardava a terminar. Viver assim, com amizade de oposição, e se lembrou dos três rapazes debochando do político contrário no dia da chegada. E quando o jornalista da cartucheira publicou um artigo lamentando que o primogênito do "super" tivesse sido batizado com o nome do pai, deu-se o inevitável: o jornalista mudou-se para outras paragens e o intendente foi demitido. Antonio Dantas achou naquele dia o hospício pequeno demais.

3 As semanas iam passando e no hospital-colonia arrumava-se a casa como quem espera visita de parente ou vai dar festa. As venezianas não tinham dobradiças. Por artifício mágico, por ocasião da construção do prédio, as dobradiças foram transformadas em dinheiro amoedado. Eram, então, pregadas a parafuso. As janelas de Hitzig eram também pregadas com taliscas e pareciam mas eram grades. Tudo depois se movia. Tudo se renovava, desde as portas que se abriam para os loucos àquelas fisionomias que se abriam para uma vida diferente. Já não eram homens enjaulados e viam a verdura do campo, e no

trabalho-tratamento voltavam-se almas a se encontrarem a si próprias. Antigos operários rurais, o funcionário, o bacharel, o poeta, o músico, o usineiro, desviaram para uma ocupação objetiva o seu delírio. Iam vivendo de novo, e a reeducação levava ao mundo de fóra quem já estivera doido varrido.

Necessariamente há o primeiro conflito e este foi com os guardas. Vestiam farda de soldado, lindas fardas de botões dourados, de boné vistoso, pareciam gendarmes em uniforme de gala. Quando naquela manhã sem se esperar, Antonio Dantas mandou que a enfermeira-chefe só deixasse guarda entrar em trabalho com roupa simples e casquete branco, o negro Biu se revoltou. (O negro Biu tinha muito prestígio. Tinha tia cozinheira da mulher dum graduado da empresa. E na redondeza todo o mundo sabia que quem tem tia cozinheira de graudo da administração do território é todo ancho do prestígio.) Dona Adail correu ao gabinete do alienista e o sól entrou forte na sala. Gaguejava quando disse que o negro Biu estava pregando um motim no hospício: ele falava em voz alta para os companheiros: — não se sujeitem a esse rebaixamento! Guarda da colônia vestido quasi como doido? E as lindas fardas de botões dourados, de galões dourados e de boné vistoso que pareciam de oficial ou de domador de circo bom? Qual, vestir aquilo? e apontava para as roupas de mescla bem parecidas com as dos doentes, vestir aquilo? nunca! Que negócio era aquêle? Não estava mas era para aguentar aquela imposição!

Foi um dos três rapazes que contou para a população ficar sabendo como o dr. Dantas resolvera o incidente. Contou: "O renovador encontra reação. Os guardas fardados militarmente de quepe e botões dourados não tinham elementar noção do que seja assistência a psicopatas. Quando o dr. Antonio Dantas lhes perguntou como iam os doentes, ficaram surpreendidos. Para eles os loucos eram simplesmente animais furiosos, uns mais do que outros e que exercer as funções guarda de hospício era ocupar um posto mais ou menos idêntico ao de domador de feras. A ação revolucionária de Kemal Pachá não despertou maior reação do que a medida do alienista. Mas o psiquiatra falou aos guardas as razões de ordem humana que mandavam tirar os botões dourados que davam ao ambiente um ar assim de presídio. E os botões cairam, um a um..." O espanto era tão vistoso mesmo com as fardas dêles. De longe se sentia. Quando Dantas acabou de falar, não eram mais homens do negro Biu. O próprio negro Biu já era outro. Eles saíram para mudar a farda e, já no corredor longo, as palavras ficaram depois dos homens: quem diria que doido é doente? Nunca vi niguem falar assim. Nem nos sermões de padre José Coutinho, daquêle adoidado... Sim senhor, quem diria...

O doutor Osias Silva estava transbordante. Eu precisava de você aqui mas era ha mais tempo, dizia. Tudo isso eu sempre desejei fazer. Mas como? Diziam logo mas era que eu tinha me tornado furioso, doido furioso.

No pátio da secção de homens, Braz — o profeta, dizia a palavra de sua fé. Osias folheava a observação que Antonio Dantas ia terminar. Delírio crônico alucinatório sistematizado? perguntou. Dantas disse que sim, mas traduziu a espichada para uma palavra somente: Parafrenia, assinalou. Braz profetisava:

— Mas o verbo subsistirá! Não adeantarão as ren-

das e os labirintos. Porque o argonauta encontrará o Velocino e abaterá o Minotauro na hora da lida. As fiandeiras que façam correr o tempo e o tear mecânico aparecerá suprindo os necessitados e esmagando o homem. Mas o Eleito será salvo! porque assim quer a sua natureza e não adeanta ao filho do homem o ter maiores rebanhos. Tua há de ser a tua vaca e teu há de ser o teu cabrito. E não adeantarão a esperteza e a sagacidade do chefe político deante os olhos do Pai. Porquê êle vê. Na hora de semear, plantarás a tua semente. E a terra há de ser fecunda. E do seu seio brotará o leite. E do seu ventre nascerá o fruto depois da gestação. Mas não deixemos o velame que chegará a tempestade. Antes que o tufão devaste o oceano e varra os mares, que o monstro procure a enseada esperada. Si fôr a Baía da Traição, andará pelos lamaçais e passará pela lagôa com agua até a barriga. Então ficará imundo até à tarde e o verme roerá o seu figado. Cantarei os hinos da vitória e as portas da cidade serão abertas pelos expedicionários retardatários. Si o centurião te der bôas vindas comerás mesmo fora de portas. Si não estiveres imundo, te oferecerão a piscina e nadarás com os peixes. Mas si a mulher de Salomão te oferecer iguarias, escuta uma orquestra de cordas que amainará o rancor. Os radios te tecerão elogios, mas não digas que amargo como um cardo é a injustiça dos próceres. Si a lua fôr crescente lança a sorte. Porque os designios bons te acompanharão.

Silvio passa traçando com o braço círculos no ar: Vem monologando: Hamleto fatigou-se com a tragédia e merece as ferias regulamentares. Tristão pode gaguejar na ária, mas aguentem Isolda se me fazem favor, se me fazem favor, se me fazem favor. Tudo não passa do palco e as Walkirias sem nenhuma cerimônia, sim sem cerimônia, ganham a Maratona antes do atleta. Ninguem tome folego pois a questão está em cantar. Quem melhor cantar receberá um galhardete no topo da torre. Não senhor! O alegre repicar dos sinos fica para quando Braz morrer!

Dirige-se até onde está Antonio Dantas. Beija o alienista na face e depois, como um perfeito boxeur, abate-o com um perfeito knock-out. Quando Antonio Dantas levanta-se do solo, a enfermeira faz-lhe um curativo no lábio. Na papeleta regista-se: Esquizofrenia. Nas instruções, Dantas acentúa: tentaremos o choque insulínico. Doi ainda? indaga D. Adail.

Silvio indiferente continua o passeio, estaca no hall. Da janela fala para as flores:

— Onde está mesmo o quê, o meu quê? Porquê me levaram de Esperança para a Universidade? Para discutir nos cafés, me embriagar na Lápa, chorar pelas mesas do Lamas, para depois de encontrar minha fulana receber três bálas fabricadas em Liege, usar Fleur d'amour e assistir da varanda da União os discursos do tribuno? Quem é que pode resistir a este prato-de-travessa sem a congestão do cavalo de corrida no porta-ló do grand-prix? Vá ser jockey assim lá nas fazendas do Ayres de Melo! Mas quem responde ao quê, ao quê somente! Porquê meus velhos amigos adoraveis e odiaveis me abandonaram e vêm me visitar? Mas onde? Antenor! João da Mota!! Meu desgraçado amigo, a minha vida está parada como a tua vida!

(Continua no próximo número)

CASA PIRES
— DE —
Antonio Cascão

RUA DA PENHA, 45 — RECIFE

Especialista em bolsas para Escolares e Praticistas, Pastas para advogados. Carteiras e Bolsas para Senhoras. Portanotas. Cintos de toda a especie, Malas, Maletas e estojas de couro e oleado.

ACEITAM-SE ENCOMENDAS E EXECUTAM-SE CONCERTOS COM A MAXIMA PERFEIÇÃO

TELEFONE, 6289

End. Teleg. CASAPIRES

CÍRCULO DE "ESTUDOS FARIAS BRITO"

Organisada em fins do ano passado, nesta cidade, por um grupo de estudiosos dos problemas referentes à realidade nacional o Círculo de "Estudos Farias Brito" tem desenvolvido daquela época a esta parte uma intensa atividade intelectual que vale pelo melhor dos começos.

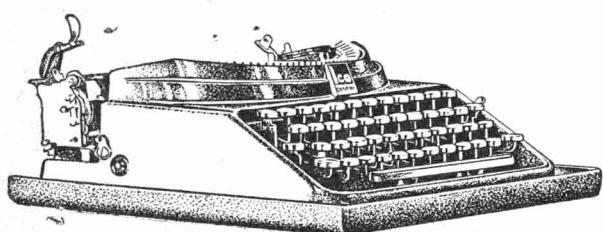
Para o ano de 1940, o "Círculo" organizou um plano de conferências mensais sobre assuntos brasileiros e que estarão a cargo de eminentes figuras do meio cultural pernambucano.

Iniciando a série o professor Valdemar Valente, conhecido educador e historiografo, pronunciou uma palestra sob o título "Valor biológico e sociológico do indígena", por ocasião da primeira sessão publica do "Círculo", realizada a 31 de Janeiro no salão nobre da Faculdade de Direito.

A esse ato compareceu grande numero de pessoas destacando-se professores do estabelecimento e figuras do nosso magistério secundário. Saudou o conferencista o professor Sá Barreto e o academico Luiz Rafael Mayer traçou as directrizes do "Círculo" e estudou a figura e a obra de Farias Brito.

ALTA MANIFESTAÇÃO DA TECNICA

OLIVETTI



AGENTES:

G. LUCCHESI & CIA.

R. do Imperador, 351 - Fone 6360

Grande Fábrica de Biscoitos e
Massas Alimenticias

GOMES & CIA.

Fabricantes das insuperaveis bolachas "SEM IGUAL" e
"GAROTA"

RUA DA IMPERATRIZ, 163 — RECIFE

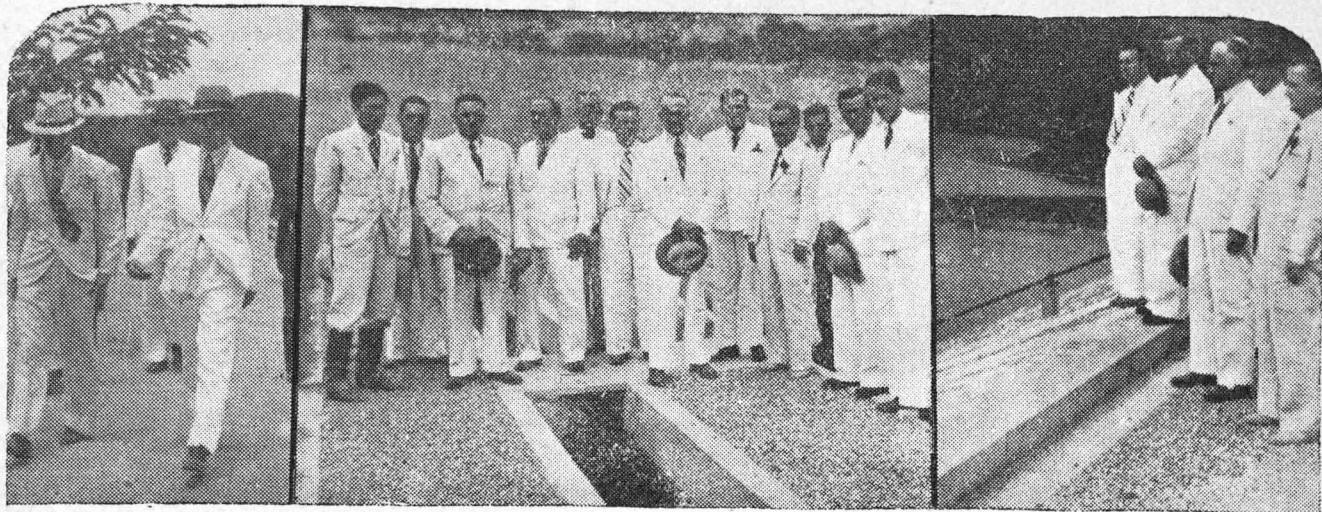
USINA SERRO AZUL

José Piauhylino Gomes de Mello

ASSUCAR

Palmares - Pernambuco

ALCOOL



Fotos colhidos durante a visita do Dr. Barbosa Lima Sobrinho á Usina Tíuma

A VISITA DO PRESIDENTE DO INSTITUTO DO ASSUCAR E DO ALCOOL A' USINA TIUMA

O almoço no solar de Tiúma -- Percorridos os campos de irrigação do Parque Industrial Modelar do Estado -- Notas

O dr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Assucar e do Alcool, encerrou a sua excursão aos centros assucareiros do Estado, visitando as usinas Capibaribe e Tiúma, esta de propriedade do industrial Fileno de Miranda. Integraram a comitiva de s. excia. o dr. Apolonio Sales, secretário da Agricultura, o dr. Leoncio Araujo, presidente do Sindicato dos Usineiros, dr. Adolfo Alcoforado, secretário particular do presidente do I. A. A., o dr. Aelxandre Amaral, presidente do Instituto do Café de Pernambuco e um representante da Folha da Manhã. Os excursionistas chegaram á usina Tiúma pouco antes de meio-dia.

ALMOÇO NO SOLAR DE TIÚMA

A's 13 horas, os visitantes almoçaram no solar da Usina Tiúma. Ali aguardavam o presidente do Instituto do Assucar e do Alcool, o prefeito Novaes Filho, dr. Guilherme Ebeling, tecnico da Usina Esther, de São Paulo, havendo se incorporado á comitiva na Escola Superior de Agricultura o dr. Paulo Parísio e o dr. Jair Meireles, professor de Agricultura Especial do referido estabelecimento, além do dr. Anibal R. Matos, chefe da secção tecnica do Instituto do Assucar e do Alcool.

No almoço tomaram parte as seguintes pessoas: dr. Barbosa Lima Sobrinho, dr. Novaes Filho, dr. Apolonio Sales, industrial Fileno Miranda, dr. Alexandre Amaral, dr. Leoncio Araujo, academico Dario Campelo, oficial de gabinete do prefeito da cidade, dr. Adolfo Alcoforado, dr. Paulo Parísio, dr. Jair Meireles, sr. Sóstenes Miranda, sr. Bartolomeu Neri da Fonseca, dr. Guilherme Ebeling,

dr. Abgar Soriano, advogado da empresa Usina Tiúma, sr. Geraldo Aocoforado, senhorinhas Lucia, Helena e Regina Amaral, filhas do dr. Alexandre Amaral, e o representante da Folha da Manhã.

No final do almoço ao ser servida champagne, o industrial Fileno Miranda saudou o dr. Barbosa Lima Sobrinho, dizendo da satisfação com que o recebia em sua casa. Sentia-se feliz com aquela oportunidade e erguia a sua taça pela felicidade pessoal e da familia do presidente do Instituto do Assucar e do Alcool. Agradecendo, o dr. Barbosa Lima declarou inicialmente ser grato á recepção que lhe acabava de oferecer o seu prezado amigo industrial Fileno de Miranda, fazendo votos para maiores prosperidades na sua usina. Aquele ambiente bem significava a vitória de um industrial pernambucano. A decoração da casa-grande tal como havia disposto o seu proprietário muito o alegrara e terminou fazendo o seu agradecimento ás gentilezas recebidas.

VISITA AOS CAMPOS DE IRRIGAÇÃO

Terminando o almoço, o que se verificou ás 14 e 30, os visitantes se dirigiram aos campos de irrigação, percorrendo não somente a grande barragem de Bicopeba, com capacidade para dois mil metros cúbicos d'agua como outros reservatórios situados em diferentes pontos da usina. Essa excursão aos campos durou cerca de uma hora, terminando com a visita ás instlações da usina.

O dr. Barbosa Lima, antes de regressar á cidade, ainda foi á casa-grande de Tiúma, servindo-se de agua de côco e doces.

SANBRA

Endereço Telegrafico SANBRA

SOCIEDADE ALGODEIRA DO NORDESTE BRASILEIRO S. A.

SÉDE EM RECIFE

COMPRADORES DE :

Algodão em rama, Algodão em pluma, Caroço de Algodão, Sementes Oleaginosas, Milho.

Filiais : — SÃO PAULO — MACEIO' — CAMPINA GRANDE NATAL — FORTALEZA

Succursais em todo o interior

AQUI,
ALI,
ACOLA',

HOJE,
AMANHÃ,
DEPOIS,
E SEMPRE

Os cigarros da
LAFAYETTE
são os preferidos

CORPORATIVISMO

(Conclusão)

que substituiu Lourenço da Veiga em 1581; mas afirma adiante, que a medida foi meramente política e que o governador Manoel Telles Barreto aboliu os mesteres em 1583. (5) Mas está provado que os costumes corporativos portuguêses tiveram um bocado de influência no Brasil. Um resquício dêles, aquem e além mar e a existência de antigos nomes de ruas indicativos das profissões que nelas se agrupavam: rua dos ourives, rua dos lateiros, etc.

Noutros países, principalmente a França, o movimento corporativo manteve-se vigoroso durante séculos.

Mas germinaram elementos de dissolução, prenunciadores do desaparecimento de sistema social tão belo e tão útil. A investida individualista ia provocar um dos seus maiores malefícios. Na França, um édito de Turgot, ministro de Luiz XVI, supriu, em 1776, as corporações "Restabelecidas em parte pelo próprio rei em 1779, foram definitivamente abolidas pela Assembléa Constituinte com o Decreto de 17 de março de 1791", (6) conhecido por "lei Chapellier". Em junho do mesmo ano, vinha uma lei proibindo a associação entre pessoas da mesma profissão." (7)

A Revolução, em nome da liberdade, proibia a liberdade de associação e defesa coletiva...

(Em artigos subsequentes estudaremos a reação sindicalista que se seguiu ao aniquilamento do corporativismo e o seu resurgimento no século XX).

BIBLIOGRAFIA:

- (1) Eduardo Aunós — "La reforma corporativa del Estado".
- (2) Mihail Mansilesco — "Le Siècle du Corporatisme".
- (3) e (4) — Theodore E. Burton — "Corporations and the State."
- (5), (6) e (7) — Porto Carreiro — "Economia Política".

Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95
Caixa Postal, 211
Telefone 9076
RECIFE
PERNAMBUCO

OFEREÇA AO SEU AMIGO
VISITANTE ALGUMA COISA GE-
NUINAMENTE PERNAMBUCANA

"PERNAMBUKO"

Sortimento Extra-Fino Pilar

UMA LEMBRANÇA INESQUECIVEL. UM PRESENTE INEGUALAVEL.

A MAIS MODERNA FABRICA DE BISCOITOS
DA AMÉRICA DO SUL

COMPANHIA PRODUTOS PILAR S. A.

USINA SALGADO

Joaquim Bandeira & Cia.

CAPACIDADE DAS MOENDAS: — 1.200 toneladas em 22 horas de trabalho

CAPACIDADE DE FABRICAÇÃO: — 2.000 sacos assucar cristal.

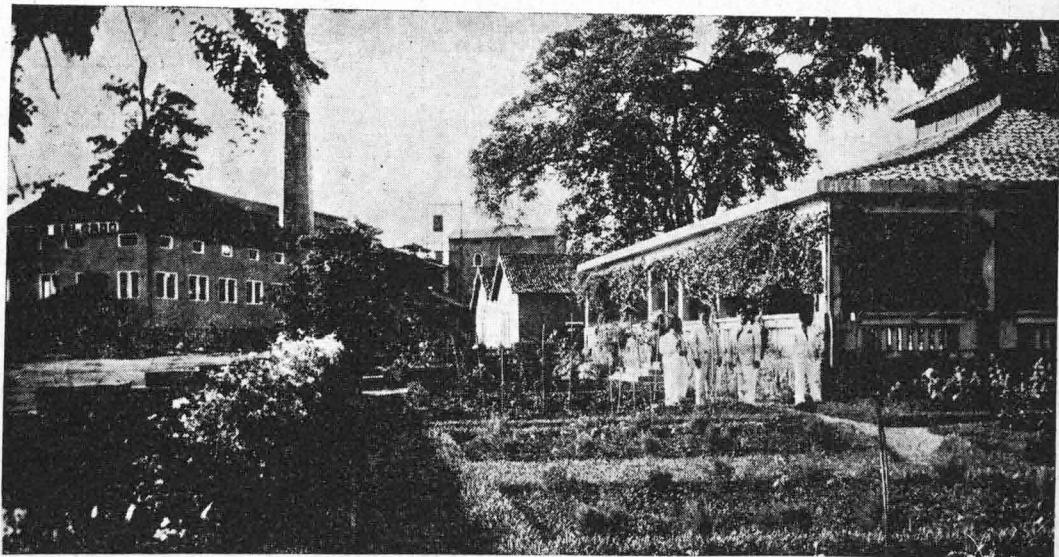
CAPACIDADE DE FABRICAÇÃO DE ALCOOL: — 8.000 litros diários, estando em projeto a construção de uma distilaria de álcool absoluto para 15.000 litros diáários, além de uma fábrica de adubos para aproveitamento e industrialização das caldas.

SAFRA EM CORTE:
Cerca de 110.000 toneladas de canas plantadas pela Usina.

OUTRAS ATIVIDADES DA FIRMA: — Criação de gado vacum, equino e ovinos.

CULTIVA AINDA:
— Côcos, abacaxis, mandioca e ararúta.

IPOJUCA
PERNAMBUCO



**PREFIRAM O CALÇADO
“COMBATE”
FORTE E BARATO**

Encontra-se à venda nas Casas:

Casa Brasil,

Rua Duque de Caxias, 304

Casa Vencedôra,

Rua do Livramento, 7

Casa Primôr,

Rua do Livramento, 21

Severino de Vasconcelos & Cia.

RUA DA PRAIA, 83

RECIFE

**VALORIZE A INDUSTRIA
NACIONAL, EQUIPANDO
SEU CARRO COM OS
AFAMADOS...**

PNEUS “Brasil”

Borracha do Amazonas

Técnica perfeita

Eficiência absoluta

Durabilidade comprovada

A VENDA EM TODA PARTE

AGENTES:

José T. de Moura & Cia.

Fone: 9505

RECIFE

FILOSOFIA DO MUNDO INORGÂNICO

(Conclusão)

Dêsse triplice aspecto valorativo da inteligência, refletindo-se no mundo extropectivo, resultou o objeto do néo-mecanismo: — o fenômeno. Não em si, mas tal qual nos aparece na percepção sensível. Não se preocupa, essa teoria, com a ordem de causalidade real que reata os fenômenos entre si. Pois restringe o campo de suas investigações aos dados experimentais fornecidos pelos sentidos. O que equivale a dizer ser o novo sistema uma modalidade de mecanismo ou, precisando mais, um mecanismo fenomenista.

De fato, à nova doutrina não interessa investigar as causas no seu sentido ontológico. Mas procura explicar os fenômenos, reduzindo-os ao movimento local e às leis que o regem. É que se trata de uma interpretação mecânica da teoria eletrônica. (Nys)

O néo-mecanismo ignora, assim, não só a substância, mas, tudo o que não pode ser objeto de experiência. Contenta-se com descrever a ordem de sucessão ou de concomitância relevada pela experiência fenomenal. E, procurando atender à evolução constante da ciência, nega aos princípios da mecânica a condição de verdades intangíveis.

Contudo, as duas doutrinas têm um ponto de contacto. Apresentam a mesma concepção unitária do mundo fenomenal. Pois de um lado reduzem os fenômenos ao movimento local. Não distinguem o movimento de suas causas. Do outro, substituem o qualificativo (fôrça) pelo quantitativo. Confundem, desse modo, a extenção (ou quantidade) com a substância. Pois, no fundo, o mecanismo reduz, como vimos, todas as coisas à extenção e ao movimento. E foi esse, justamente o traço que desde Demócrito, lhe deu individualidade.

Mas, num ponto, é essa doutrina facilmente contestada. — Pois, a quantidade (ou extensão) é, apenas, o primeiro acidente da substância (Teoria escolástica). E isso pela mesma razão que as qualidades desconhecidas pelos dois sistemas, são acidentes da substância corpórea. (Maritain)

O erro imperdoável dos mecanistas foi, assim, admitir a homogeneidade profunda da matéria, o que significa vedar a explicação dessa diversidade de agentes químicos, tão assimiláveis pela especificidade cons-

COOPERATIVA DE LATICINIOS DO RECIFE

**Distribuidora Oficial dos Produtos da
Usina Higienizada de Leite**

SEDE:

Cais José Mariano, 470

Fone 3090

RECIFE

PERNAMBUCO

BRASIL

tante de seus pêlos, de suas afinidades eletivas, de sua atomicidade, de sua filiação física e cristalográfica. (Nys) Insistir aqui, seria, sem dúvida, pretender encontrar no homogêneo a razão do heterogêneo.

Todavia, tanto o antigo, como o novo mecanismo, nos revelaram uma grande coisa: -- o papel considerável do movimento local.

Pois, é este a causa das constantes mutações nas relações especiais dos corpos. Enquanto provoca a transmissão de todas as atividades. E justifica esse complexo, cujo encadeamento enfeixa o curso do universo.

Aliás, esse movimento local, já ao tempo de Empedocle e Anaximandro, deveria explicar "mecanicamente" as coisas. Produziria a "simples agregação dos elementos materiais. E deve ter sido essa a fonte do evolucionismo de Spencer e Darwin. Pois, a metafísica alemã (Kant, Hegel, Fichte) portou-se, apenas, como catalítico da reação que viria empolgar o pensamento dos tempos modernos.

Em conclusão, poderemos asseverar terem êsses sistemas confundido, solidariamente, o movimento e suas causas (fórcas). E também a extensão e a substância. Foi o seu ponto fraco. E também, a razão por que ficou, sem poder atender, nas suas exigências, à evolução constante do pensamento humano.

O Sentido Nacionalista da Obra Alencariana

(Conclusão)

rissimo, a obra indianista alencariana, como filão já por demais explorado, não perceberam que a revivescência do assunto valeu por todo o seu passado de preparação enfática e palavrosa. Aliás, um só capítulo de "Iracema", lido à surdina, vale por todo o "Uruguay" declarado e musicado...

Não são de desprezar, por outro lado, os seus trabalhos forenses, nos quais enfrentou, sem desaire, em várias ocasiões, a profunda dialética de Lafayette. Isso por si só recomendaria um jurista. Mas, o advogado é, na vida alencariana, episódio curto e prosáico, em face da sinfonia brasileira dos seus romances de fundo sertanista.

José de Alencar merece a estima dos brasileiros porque a sua arte não se subordina a qualquer injunção, fosse de escolas, fosse de política. Foi um idealista de coração puro, que soube o travor da adversidade e sentiu amargamente a ofensiva da mediocridade do seu tempo.

Além disso, é um dos raros escritores, a quem se pôde mui honrosamente atribuir o epíteto de brasileiro.

A característica máxima da sua obra é o profundo traço nacionalista.

Constrúa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S/A

FONE 6425

CONFEITARIA BOTIJINHA

SOUTO & MAGALHÃES

Praça da Independencia, 25 a 31

RECIFE

PERNAMBUCO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Todas as operações bancárias

CASA TIGRE

D. Rodrigues

Rua NOVA 362 – FONE 6990

INSTALAÇÕES DE: Hospitais, Consultorios
Médicos, Laboratorios de Análises, Quimica
Analitica.

Gabinetes de Fisica, História Natural

RECIFE PERNAMBUCO

SABOARIA DE AFOGADOS

— DE —

Santos Araujo & CIA.

FABRICANTES DOS AFAMADOS SABÓES:

CREOULO — O rei dos Sabões.

RAJADO — Tipo azul ou marmorizado.

MASSA-AMARELO — O melhor entre os melhores.

Produtos fabricados com matéria prima de primeira
qualidade e obedecendo às mais rigorosas exigências
técnicas.

FÁBRICA: RUA S. MIGUEL, 404.

ESCRITÓRIO: Rua das Florentinas. 177

RECIFE

PERNAMBUCO

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco

Unica

Distribuidora dos produtos da Fabrica de Farinha
Panificavel do "IBURA"

TELEG. "MANDIOCA"

FONE 9-5-6-9

ESCRITÓRIO:

AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA N.º 277

BALANÇO GERAL EM 30 DE DEZEMBRO DE 1939
ACTIVO

ACTIVO FIXO			
Moveis & Utensilios	6.713\$500		
Titulos de Renda	1:500\$000		
			8:213\$500

ACTIVO CIRCULANTE			
Farinha Panificavel	21:150\$000		
Farélo	10:608\$000		
Raspas de Mandioca	22:408\$400		
Saccaria	2:304\$000		
Anilinas	13:500\$000		
			69:970\$400

ACTIVO DISPONÍVEL			
Caixa	15:475\$200		
Caixa de Credito Mobiliario Co-operativo	246:233\$500		
Caixa Economica Federal em Pernambuco	1:575\$100		
			263:283\$800

ACTIVO EXIGIVEL			
Associados, C/Capital	141:035\$000		
Correntistas	24.285\$000		
Cooperados, C/Machinas	9:592\$200		
Letras a Receber	4:180\$000		
			179:092\$200
Total do Activo — Rs.	520:559\$900		

PASSIVO			
PASSIVO NÃO EXIGIVEL			
Capital	160:100\$000		
Fundo de Reserva	60:048\$700		
Lucros Suspensos	100:000\$000		
			320:148\$700

PASSIVO EXIGIVEL			
Secretaria da Agricultura, c/machinas	16:577\$200		
Cooperados, c/ raspas	12:344\$700		
Letras a Pagar	70:000\$000		
Retorno aos Associados	101:035\$500		
Juros ao Capital, s/quotas-partes	453\$800		
			200:411\$200

Total do Passivo — Rs.	520:559\$900		
------------------------	--------------	--	--

Recife, 30 de Dezembro de 1939.

(a) João Liberato Pereira de Mello
PRESIDENTE

(a) Djalma Alnir Wanderley
DIRECTOR-COMMERCIAL

(a) Mario Carneiro Lins e Mello
DIRECTOR-GERENTE

(a) Heitor Wanderley de Queiroz
CONTADOR

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Cooperativa dos Plantadores de Mandioca de Pernambuco, tendo procedido ao exame do Balanço Geral e demais documentos referentes ao exercício findo em 30 de Dezembro de 1939, constatou a sua exactidão, regularidade e concordância, pelo que é de parecer que a Assembléa Geral hoje reunida, aprove as contas apresentadas e os actos gestivos da administração.

Recife, 23 de Fevereiro de 1940

(aa) Manoel Netto Carneiro Campello Junior, relator
Joventino Lins Themudo

Luiz da Costa Pinto

VISTO — Recife, 23 de Fevereiro de 1940

(a) João Liberato Pereira de Mello — Presidente

O calçado
"BRANDÃO"
 satisfaz
 pela sua
 elegancia

A' venda nas principais
 Casas de Calçados.



OS TRÊS PRODUTOS DE FRATELLI VITA QUE
 GOSAM DO MAIS JUSTO CONCEITO *



GUARANA — AGUA TONICA — GASOSA
 FRATELLI VITA. — L. DA SOLEDADE, 1132
 RECIFE

Armazem Veterano

FUNDADO EM 1830
 ESTIVAS E FERRAGENS EM GROSSO E A RETALHO
 DE

SOUZA BRAGA

Rua da Paz, 212 - Telefone 6378

AFOGADOS

RECIFE

PERNAMBUCO

OS ANUNCIOS PUBLICADOS EM "RENOVAÇÃO" SÃO LIDOS NO BRASIL E NO ESTRANGEIRO

F. MENDES & CIA. LTD.

Rua Barroso, N.^o 81

MANAUS — AMAZONAS

Manaus, 17 de Fevereiro de 1940

Ilmos. Srs.
Diretores da COOPERATIVA DOS PLANTADORES
DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO
Av. Marquês de Olinda, 277
RECIFE

Prezados Senhores

Na revista Pernambucana — RENOVAÇÃO — encontrámos o anúncio dessa Cooperativa, como única distribuidora dos produtos da Fabrica de Farinha Panificavel de Ibura, despertando-nos interesse pelo conhecimento desses produtos, certamente interessantes para o comércio de n/praça.

No caso de VV. SS. estarem interessados na exportação dos mesmos, sirvam-se mandar-nos, pelo primeiro navio do Lloyd, umas amostras dos referidos produtos, com os respectivos preços CIF — Manaus e se realmente forem o que pensamos e os preços nos convenham, far-lhes-emos, imediatamente, um pedido de experiência.

Somos representados aí pelos Srs. Viana Almeida & Cia. á rua do Imperador nº. 159 e representamos os Srs. Moura Irmãos, estabelecidos á rua do Brum, 280 — 1º. and., os quais oferecemos como pontos de referências, etc. etc.

Subscrevemo-nos mui atenciosamente,

E. MENDES & CIA. LTD.

CAROA'

Instalações, completas ou isoladamente, de maquinas para desfibrar, caldeiras, locomóveis, motores a gás pobre ou a óleo, transmissões e mancais, tudo em ótimas condições. Procurem adquirir na firma:

Oliveira Filho & Cia.
Largo do Paraíso, 306

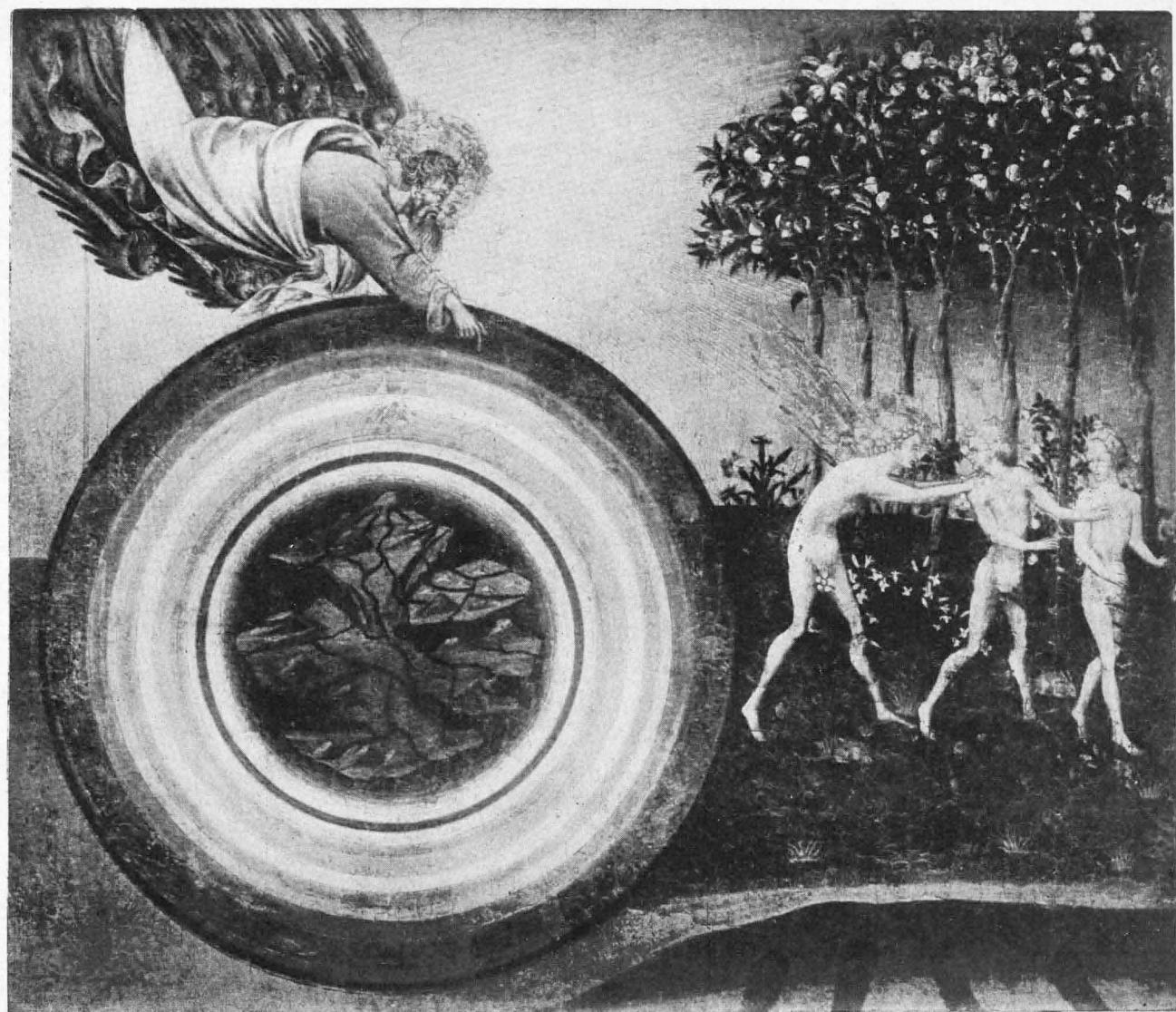
RECIFE

A AMBição E O IDEAL DÓ POVO É O DINHEIRO
PORQUE NÃO PROCURAM

A CONFIANÇA
de Mendes & Maia

LARGO DA PAZ, 402 — Fone 6111

É a única que pode proporcionar-lhes a sorte.



ADÃO E EVA EXPULSOS DO PARAIZO. — Pintura de Giovanni di Paolo di Grazia — (1403-1482). Da Coleção P. L. de New-York. Esta preciosa tela de Giovanni di Paolo, de expressão quasi suprarrealista, representando o onipotente criando a terra “esférica” e expulsando Adão e Eva do paraíso, tem algo de verdadeiramente surpreendente pela poesia e policromia concentrica dos tons da esfera e o alinhamento obliquo das árvores verde-terra. Giovanni de Paolo foi discípulo de “Sassetta”, o mais talentoso e o mais poético do primitivos pintores de Siena, e a sua influência é evidente. Giovanni di Paolo foi pouco apreciado pelos críticos dantinho e seu nome por muitos anos permaneceu ignorado. Além de suas pinturas e afrescos, di Paolo deixou famosas ilustrações.

Compra Tadeu Roeha 30/8/29



"MADONA"—PINTURA DE DUCCIO DI BUONINSEGNA. (1250-1318).
Da Coleção P. L. de New-York.

DUCCIO DE BUONINSEGNA foi um dos primeiros artistas italianos que se libertaram dos "canons" bizantinos, criando assim a forma latina de expressão pictórica. A sua obra importantíssima pela influência que exerceu sobre a sua época, acha-se na maior parte em Siena e Florença.
— Ugolino, Segna e Simone Martini foram seus discípulos. —